Alexandre Carnevali da Silva
A Autoridade no Espelho
(Principios Para Uma Boa Gestão)
CBJE
A casa do novo autor brasileiro

A AUTORIDADE NO ESPELHO

(PRINCíPIOS PARA UMA BOA GESTÃO)

ALEXANDRE CARNEVALI DA SILVA

Maquiavel, na sua imortal obra *O Príncipe*, faz interessante raciocínio para explicar a legitimidade do seu trabalho. Diz o mestre que para conhecer a natureza dos povos, é preciso ser príncipe, e para conhecer a natureza dos príncipes, ser do povo. Exemplifica com a imagem de um pintor, que deve estar na planície para apreciar a montanha, e na montanha para apreciar a planície.

Essa bilateralidade acima delineada talvez autorize a ideia de que para bem conhecer a natureza do poder, em tempos modernos, necessário se faz ter um dia sido pobre, ter um dia sido necessitado ou vítima, ter de fato sofrido, ou ao menos um dia ter se colocado na situação de quem assim está. Talvez seja possível perceber que só conhecendo a pobreza material e cultural, além da falta de oportunidade, uma Autoridade possa realmente exercer seu papel de modo pleno. Talvez se conhecendo os diversos matizes da vida humana se possa perceber que não há poder absoluto e que todos têm um ponto fraco apto a ser explorado, e uma autoridade que se pensa poderosa, acima da lei e sem medo é equivalente a uma autoridade que não conhece a si própria nem o mundo que a cerca.

Dedico esse singelo trabalho a minha esposa, que acreditou em mim. Ao meu pai, que deu o que jamais teve, a minha mãe, excepcional gerenciadora de crises e de talentos. Às minhas filhas, que elas saibam quando atacar e quando refrear os ânimos.

PREFACIO

Prezado Leitor, obrigado pelo seu tempo em leitura.

Sabemos o quão escasso é o tempo, assim como a predisposição em ler um autor desconhecido. Agradecemos a oportunidade.

Escrevemos para a nova autoridade e para aquela que pretende se aperfeiçoar. Para tanto colocamos, humildemente, nossa experiência. Para nós, exercer a autoridade ou liderança é indicar o caminho aos demais, tomar decisões que envolvam a todos e ter responsabilidade por elas, ter responsabilidade pelos resultados obtidos. O ser humano naturalmente procura um caminho, um paradigma, e uma das angústias de ser chefe ou líder é justamente criar o paradigma, indicar o caminho às vezes sem nenhuma referência, ousar e fazer seus seguidores confiar.

Muitos escrevem sobre política e gestão, mormente pensadores e estudiosos que apesar do conhecimento e posse de muitos títulos acadêmicos, nunca exerceram o poder ou liderança de fato, ou algum cargo gerencial de destaque, alguns outros pretendem doutrinar exclusivamente em termos de religião ou moral. Ora, na nossa humilde visão, tal não é completo e falta legitimidade em tais estudos, pois como quem que nunca exerceu algo na prática, pode pretender abordar com profundidade o assunto? É o mesmo que alguém, que nunca se relacionou amorosamente, e vive solitário, possa pretender exercer o papel de consultor de matrimônios. Também nada somos, mas caminhamos por uma estrada e podemos contar algo sobre ela, e alguma coisa de cunho moral há de haver, estudos dessa natureza necessariamente tangenciam a moral. Todo julgamento necessariamente tangencia a moral, pelo menos a de seu tempo.

Qual seria a utilidade da sabedoria? Esta só poderá ser adquirida no meditar, na reflexão e nas leituras, assim como no enraizar em nossas almas quando vividas as experiências (que devem ser vividas) com amor e dedicação ao cargo que (quis o destino) ser colocado em nossas mãos. Sabemos que a sabedoria voa pela janela em momentos de crise, portanto, necessário se faz que

tenhamos em mãos o relato de quem já passou pelos mesmos caminhos e, sem a intenção de ser a palavra final no assunto, servir como um alicerce na resolução dos problemas. E, por isso, o que propomos aqui é trazer uma diretriz para servir de guia a um novo administrador para desempenhar o seu papel com seriedade. Assim sendo, a primeira advertência seria criar uma aliança entre a fé (em si) e o autoconhecimento.

Desde a antiguidade se discute as normas sociais e políticas do homem, e que guardando as devidas proporções, sempre serve a um dirigente. O tema não se esgota, pois a humanidade se renovando constantemente, muda de tempos em tempos a sua capacidade de entender o pensamento de um autor tido como de difícil entendimento.

Exercer a autoridade sobre os mais humildes é difícil, pois a população já se vê em muitos aspectos vitimizada, além do óbvio fato de não terem nem conhecimento, nem recursos para fazer valer direitos, e muitas vezes os exercitam de modo equivocado.

Exercer sobre os poderosos, mais difícil ainda, pois além do conhecimento que têm, que os possibilita manobrar em fuga de suas obrigações, alguns se sentem especiais, acima da lei, e tendem a usar mecanismos por vezes escusos, e às vezes, com a complacência de outras autoridades (com "a" minúsculo). O poder, desde os primeiros tempos das oligarquias, concede àquele que o detém uma aura, tornando-o aparentemente invulnerável, diferentemente dos outros pobres mortais. E a elite desde sempre se conscientizou de se auto proteger. Tais fatos não devem ser jamais negligenciados.

Tivemos a oportunidade de perceber que ter algum poder é também ter uma grande responsabilidade pelas vidas de muitas pessoas e, principalmente, pela sua própria. Ter poder é ter um compromisso com a história, quer queira ou não. Seja a história de um país, seja de um estado, seja de uma cidade, seja de uma empresa ou corporação privada, seja este poder de curta ou longa duração. O fato é que o líder é e será sempre lembrado e julgado pelo que fez e pelo que foi.

Prezado Leitor, por favor, aceite nossas singelas palavras, e fazemos sinceros votos que elas lhe possam ser úteis.

Às novas Autoridades, isto é, àqueles que se iniciaram no comando de um órgão, empresa, departamento ou qualquer outra estrutura, recomendamos fortemente a leitura atenta da Arte da Guerra, de Sun Tzu, e o Príncipe, de Maquiavel. Para os mais próximos das ciências jurídicas, recomendamos também A Arte De Escrever de Arthur Schopenhauer. Para aqueles que enveredarem para a política, recomendamos a leitura de 1984, de George Orwell. Por favor, querido leitor, os leia sem os comentários de ninguém, como será muito difícil ler o texto no original (língua original), procure as traduções mais fidedignas ao original, geralmente editadas em livros simples e pouco pomposos. Não permita que outro pense em seu lugar, jamais.

INTRODUÇÃO

Política, a ciência da organização. Não existe desenvolvimento, paz, artes ou qualquer civilização sem organização. Em uma escala menor, não existe empresa, instituição, ordem ou igreja sem organização. E uma organização necessariamente tem liderança. E basicamente, um líder é também um administrador. Tanto assim o é que todo profissional que se sobressai na sua carreira tende a administrar. Um excelente advogado acaba sendo o titular do escritório, comandando sua equipe. Um grande engenheiro acaba por gerenciar departamentos em empresas, um excepcional auditor de receitas acaba por chefiar sua repartição, um respeitado juiz acaba por liderar na pratica seus iguais, um político começa sua carreira porque lidera naturalmente, e gerencia crises, propõe soluções, e assim por diante.

Política não abrange a ciência organizacional apenas de grandes grupos humanos, abrange, da mesma forma, diretrizes para qualquer tipo de grupo. Sun Tzu nos passa a idéia, em sua imortal obra, que comandar um exército de cem mil homens e comandar um pequeno grupamento de pessoas é exatamente a mesma coisa. A mesma coisa porque os comandos e as ordens devem ser claros, o fluxo de informação deve ser fluído, claro, e as decisões devem ser tomadas visando o objetivo final, não pela vaidade, ego, virulência ou desprezo.

O homem que lidera, ou pretende liderar, notadamente nos aspectos econômicos e políticos, deve estudar a Política assim como os grandes políticos e líderes que passaram pela terra.

Não há como fugir do estudo da política, pois mesmo que se tome uma postura de distância, pelo simples fato de se viver em sociedade, essa postura de distância interfere na vida social e é uma postura política também. Para se fugir da política, necessária a vida em clausura.

Política não é a mera observação dos homens do presente ou do passado, em si considerados, política é a ciência dos fatores que levam tais homens a liderar, e a sociedade, a segui-los. Política também resvala na análise dos fatos em sentido macro, a análise dos fatos em si considerados está mais para outro campo de estudo.

Pretendemos aqui, retirar de alguns grandes pensadores e líderes algumas idéias que, em última análise, são muito inteligentes no que diz respeito à vida em sociedade e sua organização, e meditar sobre elas.

Não se debate aqui se é o caso do homem em si considerado lutar contra seu interior, lutar contra sua natureza, ou melhorar como ser humano, até mesmo porque os conceitos de "melhora íntima", "bem e mal" e "moral" são muito variáveis. O que pretende debater aqui é o mesmo homem de sempre gerenciar, com mais inteligência e efetividade, sua vida. Mesmo que esse homem de sempre seja o governante, não se pretende aqui nenhuma cruzada a favor da moralidade. Neste trabalho pretende-se mostrar que mesmo um homem mau, que no recesso do seu lar cometa uma série de imoralidades (para uns), e sendo esse mesmo homem "mau" o líder, ele, ao aplicar de forma objetiva, isto é, de forma externa, os princípios aqui debatidos, não só será ele amado pelos seus liderados como poderá permanecer, se perpetuar e se garantir no poder por um longo tempo, e mais, muito do que fizer para si mesmo, e em tese não for muito recomendado, acabará sendo relevado pela maioria.

O objetivo deste singelo trabalho, assim, é extrair de alguns preceitos já bem conhecidos um início de modelo eficiente de sistema gerencial ou político, ou, pelo menos, um conjunto de princípios informadores aptos a melhorarem qualquer sistema atual.

Por sistema político (ou gerencial, se aplicarmos os conceitos para uma sociedade econômica ou empresarial) podemos entender o conjunto de princípios e normas internas que, ao interagirem

entre si, demonstram como uma dada comunidade, empresa ou mesmo entidade política norteia suas ações.

Por princípios políticos (ou gerenciais) podemos entender as idéias que formam a convicção da maioria dos indivíduos que integram uma sociedade, e potencialmente podem realizar mudanças na condução dessa mesma sociedade.

Por princípios políticos (ou gerenciais) informadores, podemos entender as idéias que são a "gênese", as pedras fundamentais de um dado pensamento, que podem evoluir para uma verdadeira regra de conduta e se tornarem um princípio por si só ou moldarem um já existente.

Estudar a Política, em uma última análise, é observar o retrato ideológico de uma sociedade, comunidade ou estado, no momento que espelha, pela ação de seus líderes, o que a maioria pensa e deseja, ou, no caso de comunidades totalitárias ou ditatoriais, espelha o que a maioria foi condicionada a pensar, pela imprensa, sistema de educação ou qualquer outro meio de comunicação de massa. Num campo mais restrito, podemos verificar, em empresas ou sociedades econômicas, a política como forma de gerenciamento.

Não se pretende aqui, como dito mais acima, fomentar discussão acerca de aspectos morais ou religiosos, nem conclamar a todos numa cruzada pela moralidade, seja moralidade o que for, mas apenas e tão somente extrair, de máximas bem conhecidas, orientações para políticas e gerenciamentos sociais ainda pouco discutidas.

Não se pretende, por outro turno, defender-se sistemas de acumulação de capital, ou sistemas meramente econômicos, como o capitalismo ou o socialismo, até mesmo porque socialismo puro jamais existiu (o que se vislumbrou até agora foram sistemas de captação de riquezas controlados pelo estado, ou capitalismo estatal, como já defendido por vários pensadores). A própria existência da moeda e sua necessária circulação assim dita o sistema.

Observa-se que antes da invenção da moeda a troca de riquezas se dava pelo escambo (troca) de bens e serviços. Depois se inventou a moeda para melhorar o sistema de escambo. E até agora, não se inventou nada melhor do que a moeda. Mudou-se a roupagem para moeda eletrônica, mas continua sendo moeda.

Adiantando um pouco nossa discussão, Maquiavel, na sua obra imortal, soluciona a equação entre ser o líder temido ou amado. De fato, a leitura da imortal obra do mestre italiano pode redundar em contradições ao que se pretende discutir aqui. Na sua imortal obra, conclui que deve o líder ser temido. Fundamenta sua conclusão na natureza humana. Em alguns capítulos de sua imortal obra, por outro lado, aponta para a necessidade do líder aparentar possuir boas qualidades, e que de modo geral, que não se aparte do bem, mas saiba valer-se do mal[1].

Porém, dada a situação histórica muito diferente de nossos dias, concluiremos que ser amado e manter o poder apoiado no povo (ou nos seus comandados) é melhor em todos os aspectos, e ousamos substituir o "valer-se do mal" por "valer-se da justiça". Primeiro, porque não se verifica nos dias de hoje o permanente estado de beligerância que se via na época de Maquiavel, assim como a permanente instabilidade interna dos estados e corporações, e segundo, as formas de poder de hoje se submetem a regramentos constitucionais que simplesmente não existiam na época do ilustre pensador.

Assim, embora impecável a imortal obra de Maquiavel, nos dias atuais a mesma merece uma interpretação histórica compatível com o momento em que foi escrita. De toda sorte, sua leitura é obrigatória para todos os que exercem a liderança, e caso um dia a humanidade retroceda em algum estágio de civilização, a imortal obra automaticamente recobrará toda sua atualidade.

1 — Machiavelli, Nicolo di Bernardo dei 1469-1527. O Príncipe, capitulos XVII e XVIII, tradução de Antonio Caruccio-Caporale, Porto Alegre, L&PM Poket — ISBN 85.254.0895-6

PRINCÍPIO DA IGUALDADE

Iniciaremos pela idéia que fomenta o próprio sistema capitalista de livre circulação de riquezas. E julgamos importante que o princípio da igualdade seja bem conhecido por aquele que pretende liderar.

Na atual Constituição Federal Brasileira, a lei maior do Brasil, há claramente o comando de que todos são iguais perante a lei. O comando é simples, direto e claramente exclui qualquer tipo de casta ou estratificação social de sua aplicação. Assim o é nas democracias modernas, e encontramos muita similitude com a máxima cristã de que todos são iguais perante Deus. Durante muito tempo e em muitas sociedades Deus foi a Lei, e a justificativa para quem assume a liderança. Em épocas passadas, Deus e o Estado se confundiam, as sociedades se dividiam em castas e daí vem (pelo combate a injustiças) o princípio que debatemos agora.

Podemos arrolar aqui, por outro lado, vários momentos históricos da humanidade em que se buscou alcançar a tal igualdade entre os homens, como por exemplo a revolução francesa, ou a revolução comunista na Rússia; apesar de defeituosos em vários aspectos de sua execução e finalização, sem dúvida representaram esperança de mudança para muitos.

Há quem defenda que a gênese dessa ideia de igualdade ocorreu na Grécia antiga, na cidade de Athenas, chamada também de cidade-estado dada a sua auto suficiência, numa visão romântica dos cidadãos gregos em perfeita comunhão.

Importante frisar que o que se chamava de democracia naqueles tempos era muito diferente do que se observa hoje, no momento que existia o instituto da escravidão, hoje abominável para o homem moderno. Existia também flagrante desigualdade entre homens, mulheres e estrangeiros, sem dizer no

permanente estado de guerra com outros povos. Em verdade, não se tratava de democracia, mas sim de oligarquia de fato, baseada na etnia ou origem de seus membros, lembrando que a palavra oligarquia se origina do grego "oligoi", poucos, e "arche", governo. Significa, literalmente, governo de poucos.

Em épocas anteriores ao advento do cristianismo, impensável a idéia de igualdade entre os homens, uns eram melhores que outros e mereciam mais privilégios do que a maioria, a partir daí existiam leis para uns e leis para outros, e assim sempre foi. Até mesmo por conta de um estado permanente de guerra entre os povos, existia uma classe politicamente dominante, uma classe guerreira, instrumento da primeira, e uma terceira classe que mantinha as condições das outras, e quase sempre, mantida na ignorância e no trabalho.

Verdadeira revolução causou a idéia da igualdade dos homens perante Deus, e que Deus era um só, até porque as figuras dos deuses justificavam todo um sistema político vigente, alimentando idéias e mitos de que o governante era um escolhido e a guerra era sua vontade incontestável. A idéia de igualdade perante Deus destruía o âmago dos sistemas até então vigentes, esse um dos porquês de muitas das perseguições perpetradas contra os cristãos, ou qualquer outro "ativista religioso".

Percebe-se, ao se vislumbrar tempos mais modernos, que é impossível o princípio da igualdade conviver em estados ou comunidades totalitárias. O totalitarismo, seja ele de que base for, concentra o poder em um pequeno grupo de pessoas, criando de uma forma ou de outra uma estratificação social onde as normas legais e morais não afetam quem detém o poder. Apenas por isso já não é possível o princípio em estudo estar presente. Via de regra, em estados totalitários, há a justificativa do "bem maior" a ser cumprido, daí a necessidade da liderança se perpetuar e ditar a condução social como entender melhor. Veja que a figura de um deus foi substituída pela figura do bem maior, a justificar a concentração de poder.

O que iremos meditar acerca dos

estados totalitários pode ser transportado para universos menores da relação social.

Ainda que recheada de boas intenções, o simples fato de se concentrar o poder gera uma distorção e uma estratificação social que em longo prazo tende a fomentar revolta.

Outro ponto em comum aferível nos estados totalitários é a existência de um inimigo externo, real ou imaginário, pois da sua existência sai a justificativa do "status quo" social. Outro ponto em comum é a manutenção da ignorância social acerca de assuntos de estado, com manipulação de informações e dosagem da cultura passada as novas gerações, via de regra menos cultura para os mais pobres. Em verdade é perverso sistema de estabilização social. Podemos aqui relembrar a triste época da inquisição, onde o inimigo imaginário justificou atrocidades sem fim.

Em um estado totalitário se encontra a criação de uma entidade quase que divina, a figura do "fuhrer" no estado alemão do III Reich, do "il duce" na Itália dos anos trinta, do "grande camarada" na Rússia Stalinista, do "grande general" nas ditaduras sul-americanas, do "imperador" na França pós revolução. O que quer que incorpore a figura de provedor de todos, via de regra, tem a imagem construída com uma serie de princípios e idéias que, em separado, são muito boas e bem intencionadas, mas em conjunto, revelam a verdadeira intenção da classe dominante.

Em estados democráticos, por sua vez, observamos um esforço, maior ou menor, dependendo da época em análise, no sentido da integração social. Não porque os líderes nos estados democráticos sejam melhores em seus sentimentos, pois os seres humanos são dotados todos da mesma essência, e não se diferem, mas por vislumbrarem para si mesmos melhores condições de vida e possibilidade de ascensão social, num espectro mais amplo que em estados totalitários, defendem a igualdade. Resumindo, numa democracia se observa um maior esforço no sentido da dignidade humana, pois as posições de poder se alternam com maior frequência.

O que faz a democracia? A maior bondade daqueles que nela vivem? Não, pois a natureza humana é a mesma, o que faz a democracia é a existência de uma pluralidade de interesses ou blocos de interesses que congregam em torno de si aspirações de poder, e na prática um bloco controla o outro, pois um só não consegue se sobrepor. Como existem vários blocos há uma espécie de contrato entre todos no sentido da divisão do básico. Eis o segredo. A ideia não é nova e outros pensadores já delinearam o fenômeno. Observe o leitor que os estados totalitários do passado muitas vezes se davam pela homogenia de interesses e povos, como o império do sol nascente, ou o terceiro reich, e neles não havia espaço para diferenças, ou melhor, os diferentes eram tão poucos que não havia possibilidade de barganha, assim a maioria os perseguiu, os mandando para campos de concentração, minas de carvão ou à guerra.

Uma liderança democrática durante seu tempo de vigência, porém, é mais estável que uma liderança totalitária, pois não há a necessidade de um inimigo externo nem a necessidade de promover expurgos sociais; em suma, não se alimenta ignorância e ódio para estabilizar a sociedade, daí deter o poder numa democracia é sempre melhor do que numa ditadura, pois não se tem o risco de um atentado ou um golpe a todo momento. Isso vale também para empresas ou sociedades econômicas, não no sentido da igualdade entre o dono do negócio e os contratados para o operacionalizar, mas no sentido de se ter uma regra clara e justa de gestão, com alguma alternância em posições intermediárias de comando, sem favoritismos, aplicando-se princípios derivados como a ascensão pelo mérito e abertura de oportunidade a todos, uma vez que favoritismos sem fundamento objetivo via de regra fazem o negócio "afundar", em disputas de sócios, gestores e empregados, favorecendo pessoas que não possuem alcance intelectual, tirando do foco o objetivo social.

Para o cidadão médio, viver num estado totalitário, ou sociedade totalitária, é o mesmo que viver em permanente estado de medo e tensão, pois o

estado ou sociedade totalitária depende dessa gama de sentimentos para se manter. Seja medo do líder, do chefe, seja medo do inimigo, interno ou externo, real ou não.

Resumindo, um sistema mais democrático é mais inteligente na forma e mais eficaz nos resultados para todos os envolvidos, seja para o que exerce o poder, que o manterá ao corresponder às expectativas dos seus liderados e não temerá a oposição como teme um ditador, seja para o cidadão rico, que poderá se sentir confortável em sua riqueza, seja para o cidadão pobre, que terá oportunidade de viver com dignidade e não desejará (num mau sentido) o que não é seu.

A pergunta que se faz nesse momento é a seguinte: estaria hoje o homem moderno vivendo corriqueiramente com o princípio da igualdade, o conceito moderno de democracia existiria, se não fosse o advento da idéia de que todos são filhos de Deus, e portanto iguais? Provavelmente não. Nota-se que, com elevado grau de certeza, quando tal foi apregoado, verdadeira revolução se fez sentir na sociedade de então, pois a figura de um deus mau que tinha seus eleitos justificava o domínio de uns perante outros. O passo seguinte, no convencimento humano ao longo de séculos, foi o de considerar, se tal igualdade de todos perante Deus existia, que a igualdade perante a Lei também deveria existir. O próximo passo, futuro, será o de assegurar a igualdade de oportunidades, assim como igualdade no conhecimento das artes, da tecnologia, das ciências e demais áreas do conhecimento humano.

Importante frisar que o princípio da igualdade perante Deus não é apenas informador da democracia moderna, mas foi também informador de vários princípios em diferentes épocas e sociedades. Em outras palavras, é uma idéia que fomentou muita análise no passado e muitas obras se fizeram sentir. Podemos ousar visualizar um exemplo com a obra Divina Comédia, de Dante Alighieri, escritor, poeta e político italiano, que ao descrever o inferno, purgatório e paraíso, colocou no inferno pessoas importantes e abastadas de seu tempo. Obviamente, a obra teve um cunho político específico, e reflete

não apenas o modo medieval de ver o mundo mas também de retratar quem é bom e quem é mau, sob a ótica das circunstancias, mas no momento em que situa no inferno determinados tipos de pessoas e autoridades, por via reflexa demonstra a brevidade de seu poder material, e indo além, a brevidade dos governos, e a igualdade no fim, na punição.

Apenas a titulo de argumentação, nota-se que em sociedades em que os princípios cristãos não adentraram o processo democrático foi muito mais lento, em algumas, sequer se instalou. Desnecessário ressaltar a violência latente em tais sociedades.

Acreditamos que tal princípio de igualdade fomenta, ainda que parcialmente, o próprio sistema capitalista de livre circulação de riquezas, no momento em que, sendo todos iguais, a contribuição e ganho são livres, e qualquer um pode ascender na pirâmide econômica e social.

Acreditamos também que ter em mente tal princípio, e isso no cotidiano, evita muitos dissabores ao líder.

PRINCíPIO DA DIGNIDADE

Há uma conhecida frase na qual no comunismo as intenções são melhores que os resultados, e no capitalismo os resultados são melhores que as intenções.

De fato, a história assim aponta. O porquê é a natureza humana, e como dito no ponto anterior, a mesma sempre tende a querer para si o melhor, a ascensão social, a paz no sentido do seu bem estar, o conforto. Como na instalação dos estados comunistas vários fatores desestabilizantes estavam presentes, tanto internos como externos, caiu-se no problema do estado totalitário. No capitalismo, com a circulação de riquezas, tais problemas tendem a diminuir. Veja-se que tendem a diminuir, e não a desaparecer, pois se não há democracia de fato não adianta a existência de um sistema capitalista, ou, em ultima analise, esse será apenas um rascunho do que deveria ser, e aí, nem de longe a sociedade será justa ou igualitária.

Veja-se que por sociedade democrática e igualitária não significa que a sociedade deva ser capitalista ou comunista, pois no fundo a problemática é a forma de circulação de riquezas, se controlada pelo estado (comunismo "clássico"), ou por uns poucos afortunados (capitalismo "clássico"), ou se é uma sociedade onde há uma circulação de riquezas dentro de regras que permitam uma igualdade de oportunidade a todos, igualdade nas oportunidades e na própria ascensão social.

Em verdade, os princípios cristãos clássicos sempre são invocados para justificar mudanças, mas não são efetivamente empregados e, por não restarem de fato absorvidos pela maioria das pessoas, não chegam a se tornar princípios políticos informadores e acabam servindo apenas de justificativas logo esquecidas por quem detém o poder.

Um tema se entrelaça a outro, e é de fácil intuição que sem igualdade de fato não há dignidade, e sem dignidade de todos não há possibilidade ou oportunidade de circulação de riquezas para todos. Como a circulação de riquezas necessariamente deve ocorrer, pois a vida em sociedade assim exige, criam-se as distorções que são observadas atualmente, como grandes bolsões de pobreza, e assim tanto as classes dominantes como as classes dominadas vivem em permanente estado de tensão.

A circulação de riquezas ocorre e é impossível de impedi-la, ela só não aconteceria se todos os seres humanos fossem auto suficientes, mas é impossível a um ser humano deter e produzir tudo ao mesmo tempo. Não é possível, por exemplo, ser dono de uma propriedade que produza comida, roupa, remédios, e todos os bens que um ser humano necessita para viver. Com o simples fato do aumento da população já se tem a inexorável circulação de riquezas.

Mas qual a razão de se colocar o princípio da dignidade como informador da circulação de capital? Por qual razão quem detém o poder deve se preocupar com isso? Simples, sua própria manutenção no poder, e de seus sucessores, em longo prazo. No momento em que todos tenham o básico, os conflitos sociais tendem a diminuir drasticamente, e, como dito acima, uma liderança democrática é mais estável que uma liderança totalitária, e uma democracia defeituosa, ou muito imperfeita, na pratica se assemelha com um regime totalitário, pois a muitos não é dada a oportunidade de conforto, paz ou ascensão social, ainda que limitada.

O princípio da dignidade é muito pensado na questão das relações do trabalho, mas pensar no princípio da dignidade apenas nas relações do trabalho é limitar o seu espectro de abrangência, pois ele deve ser encarado como verdadeiro princípio informador político, e usado com sabedoria permite a obtenção e a manutenção do poder. É uma ferramenta de muita lógica, em verdade.

Uma curiosidade, que bem atesta a possibilidade de se pincelar, dentro dos ensinamentos cristãos, princípios até mesmo de ordem econômica é a bem conhecida parábola dos talentos.

Nela um senhor deixa determinadas somas com seus servos por um tempo. No fim, dois servos devolvem suas somas com juros, o terceiro não o faz, porque enterrou a moeda, e é punido. Veja-se aqui a possibilidade de se pincelar conceitos muito atuais como a fungibilidade da moeda e a necessidade de circulação de riquezas, contra a estagnação (enterro) do capital. Veja o paciente leitor que a parábola pode encerrar um sem número de lições, de ordem moral e espiritual, mas dentro da singeleza do presente estudo, pincelamos apenas pequena parte, a econômica, no que se refere a produção de resultados. Nota-se que o senhor da parábola esperava bons resultados, e deu a devida liberdade a seus servos na gestão do dinheiro, e puniu aquele que nada fez. Uma liderança econômica deve agir assim como a parábola, dar dignidade aos seus servidores, dar certa autonomia de gestão nos recursos e assim exigir bons resultados, punindo os lenientes, e a punição é algo necessário, como veremos mais adiante.

PRINCÍPIO DO ALTRUISMO

Aparentemente inconciliáveis a idéia de circulação de riquezas, a idéia de aplicação da justiça social num mundo capitalista e o princípio cristão do altruísmo. Mas essa incompatibilidade é apenas aparente, e em verdade, se os três se interligassem uma verdadeira época de ouro nas relações sociais se faria presente. Não se trata do altruísmo cego, mas altruísmo no sentido do olhar do forte ao mais fraco.

Impossível a conciliação dos três na prática? Não. Pois a conciliação dos três deve se dar no momento em que a liderança política pensa na gestão prática da sociedade. No momento em que uma liderança política tiver em mente os três princípios ao elaborar um projeto de lei, ou uma regulamentação, ou ao implantar algum projeto, aí se dará a conciliação pretendida. O que ganha a liderança política? O reconhecimento de todos, a gratidão dos que se beneficiaram, o respeito de seus adversários (que não tem a mesma sabedoria) e um lugar na história recente, e tudo isso se traduz, para o líder, numa cômoda e contínua permanência no poder. Veja-se que não é a divina providência, mas a lógica impecável por detrás dos princípios cristãos.

Aspecto importante do princípio do altruísmo é fomentar a circulação de riquezas. Num rápido e resumido pensamento, a alta concentração e inamovibilidade de riquezas estagnam a sociedade, no momento em que diminui a liquidez no mercado, menos dinheiro circulando, menos crédito e menos produção. A idéia do altruísmo como informador macro político, ao fomentar a circulação de riquezas é antídoto a tal situação.

Podemos citar aqui o que ocorreu com a abolição da escravatura no Brasil. Foram os princípios do altruísmo e dignidade que comandaram a

abolição, mas ideias com base na economia também, uma vez que, não possuindo o escravo renda própria, não era o mesmo consumidor de absolutamente nada. No momento em que trabalhadores assalariados substituíram o trabalho escravo, fomentou-se a economia e se obteve o substrato social necessário para a industrialização que se seguiu. Melhorou-se a vida de todos, da classe escrava e da classe dominante, que mais rica ficou prestigiando o altruísmo. Contudo, tratar a matéria de forma absolutamente econômica é negligenciar todos os embates humanistas daquela época, em que muitos jornalistas, advogados e autoridades trabalharam de fato, deram seu melhor, pela abolição. De toda forma, a dignidade e a igualdade apresentam estreita relação com a economia.

Por fim, no campo da aplicação da Justiça, uma realidade deve ser enfrentada. O excesso de normas garantistas e possibilidades quase que infindáveis de recursos contra decisões judiciais. Um problema muito sério a ser enfrentado que praticamente incapacita uma boa ação de comando, e não se deve usar o princípio do altruísmo para se justificar a impunidade. Não é possível haver estatísticas para esse ponto de discussão, mas para todo aquele que conhece o processo legislativo e judicial (elaboração de normas gerais e específicas para o caso concreto, respectivamente), é notório que muitos mal intencionados se revestem de bons cidadãos e usam o processo democrático de discussão e o processo judicial com seus recursos como forma protelatória da aplicação da justiça. E sem justiça, não há paz, não há estabilidade.

Justiça só para os dominados não serve, pois os mesmos se revoltarão, e se organizarão em grupos que vão tangenciar a lei. Isso se faz sentir ao longo da história e em tempos atuais com as máfias modernas, que cooptam na baixa sociedade seus soldados.

Mas é um contra senso diminuir-se as normas garantistas, justamente se o que se pretende é a criação de uma democracia social efetiva. Qual a solução? A busca pela efetividade real, que necessariamente depende da visão da Autoridade

Pública como um verdadeiro sacerdócio, isto é, homens e mulheres comprometidos com todos no geral, e não com si próprios ou com uns poucos.

Em relação à justiça penal o altruísmo como princípio também deve se fazer valer. Como? No momento em que o estado, ao passo que pune o agente delinquente como medida de prevenção e repressão, também olha para a vítima, ao resolver o problema que decorreu do ilícito praticado. Uma solução é a expropriação de bens do delinquente para satisfação da vítima, coisa difícil de se ver na prática. Infelizmente, ainda em nossa época, o direito penal não se preocupa com a situação da vítima, ao passo que garante ao delinquente muitas medidas ditas garantistas que obstam a efetividade do processo penal. No campo do direito civil, ao se basear praticamente apenas na manifestação de vontade da parte, não há tutela para a vítima, ainda mais se for pobre, via de regra mais ignorante acerca de seus direitos e sem recursos para os fazer valer. Na prática, se o réu tiver boa condição social, escapa da punição, e a vítima propriamente dita é sempre esquecida ao seu próprio destino. Isso está longe da visão de um princípio de altruísmo.

Altruísmo, numa última analise, deve servir para que a sociedade como um todo minimize os efeitos do delito, ao passo que o deve punir com correção, pois aqui se discute não o altruísmo mundano e cego às realidades, mas um altruísmo efetivo, que busca a pacificação social e permite a punição se necessário. Não custa lembrar, para um pequeno parênteses, que se fez necessária a expulsão dos mercadores do templo, na conhecida passagem bíblica. Houve diálogo? Não. Era possível o diálogo? Não, e a expulsão era necessária, e foi perpetrada por um homem que se dedicou totalmente à causa do próximo. O altruísmo social, para o delinquente pode se fazer presente justamente na correção da aplicação da pena, no devido processo legal e possibilidade de defesa, mas não no impedimento da sua específica e pessoal punição.

Podemos perguntar se, no contexto da aplicação da justiça cabe a violência, ou se cabe a figura do perdão, sem se aplicar violência alguma.

Respondendo a pergunta, temos que a violência sempre será necessária na medida certa.

Afinal, no momento em que o estado deve, necessariamente, estabilizar as demandas sociais, em algum momento se fará necessária a prisão ou coação de alguns elementos. Não porque se defende a aplicação de princípios cristãos na política em sentido macro que se deve nivelar por baixo a discussão e se defender criminosos. Não se está a debater aqui a natureza humana e se sua mudança deve ocorrer ou não. O que se está a debater aqui é uma melhor sistemática política. São dois aspectos diferentes, um o social, outro interior de cada ser humano. Apenas lembramos que, conforme noticiado pelos anais da história, Jesus expulsou os mercadores do templo, e em outra circunstancia, imobilizou inimigos que lhe atacavam quando orava no monte das oliveiras. Nessas duas situações, ocorreram "violências" sob medida, e estritamente necessárias. Eventualmente, até mesmo a morte se justifica sob o aspecto da paz social. Basta imaginar a situação de uma pessoa enlouquecida ameaçar uma criança com uma faca. Talvez se faça necessária a morte do agente por um atirador de elite. Sim, o exemplo é de fortes cores, mas serve para ilustrar a idéia.

Podemos trazer nesse contexto a necessidade da confrontação. O mal deve ser combatido. Jesus em uma passagem disse não trazer a paz, mas sim a espada. Muitas interpretações diferentes podem ser extraídas dessa frase. A que pretendemos concerne na questão da firme aplicação da justiça.

Perguntamos ao leitor se, para crimes de sonegação fiscal, por exemplo, é possível se falar em ressocialização do delinquente. Veja que via de regra, em ilícitos que tais, verdadeiras fortunas são subtraídas do estado, e muitas vezes, não apenas do estado, mas de uma classe de cidadãos, quando subtraída de fundos de caráter social (como, por exemplo, o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, que visa proteger o trabalhador de uma situação de desemprego, existente no Brasil). Tais delitos são perpetrados por homens e mulheres bem

formados, que estudaram nas melhores escolas e que são parte da elite econômica; em tese, sabem muito bem o mal que fazem.

De plano só se vislumbra a possibilidade da perda econômica, que deve ser exemplar, sob pena de inefetividade da necessária estabilização social. Ao não se combater tais práticas, de certa forma se permite o furto e o roubo contra as classes menos favorecidas, o que vai diametralmente contra as ideias de dignidade, altruísmo social e igualdade.

A FÉ EM DIAS MELHORES

Exemplo da lógica existente nos princípios cristãos é a máxima da fé em dias melhores, ou da fé no futuro, ou da fé que remove montanhas, ou de que os pobres herdarão a Terra. Tais se encontram diretamente no cerne da necessidade do trabalho e esse princípio em especial, ao nosso ver, deve ser diretamente direcionado para a política do trabalho. No momento em que se tem a fé no futuro, automaticamente se nega à ociosidade e se fomenta a idéia do trabalho e pesquisas contínuos. Não que se deva apenas induzir a idéia de que o trabalho é necessário para a materialização de dias melhores, mas de fato, no momento em que o líder social compartilhar os benefícios recebidos pela sociedade com todos, servirá de verdadeiro motor para que mais trabalho seja gerado, e mais riquezas produzidas.

O líder que conseguir fomentar no espírito de seus subordinados a fé no futuro consegue extrair deles seus melhores resultados.

Em estados totalitários a fé em dias

melhores foi muito explorada, fazendo com que a massa humana trabalhasse para o sistema vigente. Isso se observou em todos os estados totalitários, mas não se observou a contra partida, e é essa contra partida que, bem aplicada, não só mantém o trabalho contínuo como também o estabiliza.

A fé em dias melhores faz lembrar a conhecida parábola dos lírios dos campos. Veja-se que há uma lógica a ser seguida que induz justamente a pensar na questão do trabalho.

A contradição entre a necessidade do trabalho e a frase isolada de que os lírios não tecem nem fiam, mas se revestem de lindas túnicas, é apenas aparente, pois uma idéia por detrás da parábola é: faça sua parte, e não almeje o que não é seu, e mais importante, não persiga o ganho de forma exagerada, pois se nem o Rei Salomão conseguiu se vestir como um lírio, não cabe a ninguém perseguir tal condição irreal.

Claro que a parábola encerra dúzias e dúzias de ensinamentos, e dela podem decorrer inúmeros preceitos de ordem moral. Mas dentro da singeleza deste trabalho, pincelamos apenas a questão da fé em dias melhores, a impulsionar o trabalho humano e a produção de pesquisas, sem a obrigatoriedade da perseguição do lucro acima de tudo, pois há lucro de forma natural se o trabalho flui de forma natural.

Podemos aqui, inclusive, defender a idéia da acumulação de capital válido, isto é, honestidade na captação de recursos. Honestidade no sentido da captação de recursos se dar dentro das regras sociais vigentes. Até mesmo um mafioso sabe que um negócio “legal” é melhor que um negócio “ilegal”, prova disso é a constatação ao longo da história de que muitos grupos criminosos “migraram” das suas atividades ilícitas para outras, “licitas”. A honestidade na captação dos recursos permite, obviamente, um desfrutar tranquilo dos mesmos, ainda mais se o sujeito sabe que participou ativamente do crescimento da sociedade, fomentando e permitindo o crescimento de todos. Mais do que justo que desfrute dos resultados da sua atividade.

A IDÉIA NO CONCEITO DA MULTIPLICAÇÃO DOS PEIXES

No momento em que se dá um pouco da sua abundância aos demais, a riqueza se multiplica. Dê um pouco do que você tem e receberá em dobro. É porque Deus lhe recompensará? Pode até ser que de fato recompense, mas tentaremos explicar o lucro prático que pode ser obtido, não que tal assertiva não possa de fato encerrar fortes ideias religiosas, mas vamos aqui pincelar apenas um aspecto gerencial prático.

Para aqueles que conhecem um pouco da história das organizações criminosas, a máfia moderna, um princípio se faz notar, que é a fraternidade entre seus membros. Decorre dessa fraternidade a ajuda mutua quando um dos seus se encontra em necessidade. É dessa fraternidade que decorre a força do grupo, pois não há delação, não há rupturas constantes e via de regra, tudo gira e torno de um ou de um grupo de homens que incorporam a figura do “pai de todos”.

A fraternidade decorre de uma lógica muito simples, lógica essa que Maquiavel, na sua imortal obra já descrevia[2].

Quando se está em necessidade, principalmente na iminência de possível extinção de si e de sua família, o homem que recebe auxilio contrai uma dívida moral muito forte com seu salvador, capaz até mesmo de se sacrificar por ele, e, de forma continua, procurará quitar tal dívida moral. O líder mafioso inteligente usa tal situação e sempre auxilia aos seus, mas tal artimanha só faz efeito na necessidade real e iminente.

Aqui é importante que o leitor tenha em mente o que disse o Mestre Maquiavel, e perceba que é mais importante e mais inteligente ajudar quem é fraco (que assim lhe servirá para sempre) do que se aliar aos fortes (que pouco se importam).

Maquiavel dá um excelente exemplo, que tentaremos transcrever da seguinte forma: um príncipe percebe que um outro, muito forte, mais forte que ele próprio, pretende invadir um terceiro, mais fraco. O mais fraco roga para que esse príncipe pegue em armas e saia em sua defesa. O mais forte o conclama para a imparcialidade e inércia. Qual atitude tomar? Se inerte ficar, que é a posição mais cômoda no início, o próximo a perecer na mão do forte será esse príncipe; se pegar em armas, e se aliar ao mais fraco, poderá ser mais poderoso que o mais forte, ou impedirá seus intentos com a aliança estabelecida, e dominará ou negociará tanto com um como com o outro, que continuará sendo mais fraco. Veja que permanecendo inerte corroborará com o fortalecimento do primeiro, que não será grato em nada pela sua inércia. Ao passo que defendendo o mais fraco, não só impede o fortalecimento de um potencial inimigo, mas também obtém uma aliança inquebrantável do mais fraco. Veja o leitor que nos dizeres do Mestre Maquiavel, aquele que não é teu amigo te solicitará neutralidade, ao passo que o mais amistoso para contigo (até mesmo pela sua eventual fraqueza) te rogará auxilio. Mesmo na conturbada época de Maquiavel, o mestre já informava que nenhuma torpeza humana seria tanta a mostrar ingratidão num futuro, no caso do fraco que recebeu auxílio.

Como transportar esses ensinamentos para os dias de hoje? Faça a todos que o cercam serem gratos a você. Imagine o leitor um empresário, dono de uma fábrica. Um conhecido desse empresário pede que empregue um estudante que não pode pagar seus estudos. Ao contratar esse estudante, ele será grato ao amigo, e não ao empresário; será fiel ao amigo, não ao empresário; talvez até um dia, num conflito de interesses, fique do lado do amigo, e não do empresário, e pode causar enorme prejuízo ao seu patrão, pois sua gratidão não é com ele.

É importante auxiliar quem está necessitado, e auxiliando assim, terá a eterna gratidão, mas cuide de que a gratidão seja endereçada a você, e a mais ninguém, e observe que para ser grata, a pessoa necessariamente precisa ter recebido algo que lhe seja imprescindível.

Vamos citar aqui alguns casos reais, acontecidos já há algum tempo os quais tivemos conhecimento. Numa determinada repartição pública federal, o assédio para fins de corrupção era muito alto. O chefe de então, porém, era muito respeitado pelos seus funcionários, que mais por gratidão do que por medo de cometer uma conduta errada, se mostravam incorruptíveis. Claro que tais funcionários já tinham uma boa índole, mas sem comando e sem diretriz alguma, ocasionalmente um homem bom pode cometer um deslize, principalmente se encontrar, ou ele ou sua família, em necessidade premente. Sun Tzu na sua obra já chamava a atenção do líder militar em verificar as necessidades de seus tenentes, e repartir de forma justa os despojos, pois os tenentes são humanos e têm seus anseios.

O que se pretende dizer aqui é que, entre uma conduta errada e uma conduta correta, todos no geral preferem a conduta correta, pois é mais confortável em suas consequências. Retire do grupo os de má índole, os que são excessivamente orgulhosos e os que almejam posições altas e de destaque sem demonstrar alcance intelectual para tanto, esses tendem a se corromper com facilidade. Para os que ficam, distribua bônus, divida a sua abundância e terá uma equipe fiel, e principalmente, os ajude nas suas necessidades caso ocorram. Foi o que esse chefe do exemplo fez. Pagou uma operação para o filho de seu motorista (cargo perigoso, posto as informações privilegiadíssimas que tem acesso), ajudava nos estudos de seus funcionários mais simples, permitia regalias (lícitas, como vagas na garagem e salas mais reservadas na repartição) para seus funcionários mais graduados. Todos lhe eram gratos e todos eram seus olhos e ouvidos onde não estava. Naquela repartição, para o público externo, era muito perigoso tentar corromper um funcionário, pois o mesmo imediatamente avisava o chefe, e era perigoso até mesmo conversar com alguém ao lado enquanto se aguardava o atendimento, pois o segurança e a faxineira eram também olhos e ouvidos do chefe da repartição. Dados da época, a que tivemos acesso, reais, informam que esse chefe conseguiu dobrar a eficiência da repartição em aproximadamente dois anos.

Da mesma forma que assim agia para o público interno, agia para o externo. Ao inicialmente chegar na localidade, esse chefe não se aliou aos fortes que até então lá estavam.

Tratou, de forma diferente, de estreitar laços com os mais fracos da região, e em pouco tempo, criou uma situação onde ele era o mais benquisto. O mais interessante é que não agiu de forma ilícita, não corrompeu ninguém nem se deixou corromper, agiu dentro da legalidade e se fez forte, dividindo o conhecimento e fomentando a idéia de que é melhor e mais lucrativo andar em linha reta. Mas observe o leitor que ele, necessariamente, teve que dividir sua abundancia com os demais, auxiliando seus humildes funcionários; apenas cuidou para não dar nada a quem não merecesse.

Pessoas de boa índole, certifique-se que está cercado delas. Pessoas de boa índole, quando recebem algo, tendem a retribuir, até mesmo em maior medida. Quando são assistidas em necessidade, tendem a ser mais do que gratas, serão verdadeiramente fiéis. Muitas vezes, principalmente pessoas mais humildes, só esperam ser tratadas com delicadeza e urbanidade. E nunca, jamais, em hipótese alguma despreze a possibilidade de uma pessoa simples lhe causar dano, a si ou a estrutura que comanda. Observe o leitor que uma simples faxineira tem acesso a lugares em empresas ou repartições que muitos não possuem. Assim, por uma questão de respeito e mais, por uma questão de inteligência, trate-a com delicadeza, e a ampare numa necessidade, compre um remédio a um filho doente, por exemplo, e qualquer um que a tente corromper não só não conseguirá seu intento como será descoberto com rapidez.

Aplique princípios cristãos e assegure-se, apenas, que o destinatário seja de boa índole. Recomenda-se, assim, conhecer a procedência das pessoas, ainda que estejam só de passagem, e de todas elas, desde a mais baixa na hierarquia até a mais alta; pesquise suas índoles.

Há uma conhecida frase, disponível na

rede mundial de computadores, de um grande empresário do século vinte, cujo nome virou sinônimo de automóvel, tamanho sucesso que conseguiu, Henry Ford: “Reunir-se é um começo, permanecer juntos é um progresso e trabalhar juntos é sucesso”. Tal frase bem sintetiza nossas humildes letras nesse capítulo.

2 — Machiavelli, Nicolo di Bernardo dei 1469-1527. O Príncipe, capitulos XXI, tradução de Antonio Caruccio-Caporale, Porto Alegre, L&PM Poket — ISBN85.254.0895-6

A AUTORIDADE COMO SACERDÓCIO

Aqui cabe um tema de difícil abordagem. Difícil porque faz parte da essência do ser humano pensar em si próprio, daí quando se reveste de autoridade muito dificilmente aplicará de forma objetiva os princípios aqui tratados. Mas é impossível? Não. E não se defende aqui uma cruzada moral, mas apenas e tão somente a idéia que se aplicados de forma objetiva, nas ações, alguns princípios cristãos permitem a elaboração de uma política de gestão muito eficiente. Estudamos aqui a aplicação de forma objetiva, pois a forma subjetiva de tais princípios, ou interna, compete a cada um, e tal está no campo da religião ou da ética.

De fato, o ser humano pensa muito em si próprio, faz parte de sua natureza. Mas também necessita o ser humano de comando. Tanto assim o é que nunca na história da humanidade foi possível se constatar a ausência de comando (qualquer comando) com um mínimo de civilização.

Podemos perguntar se são da mesma natureza a autoridade privada, no sentido da condução de um negócio qualquer, e a autoridade pública, que tem por obrigação o gerenciamento do interesse social (na sua respectiva área). A resposta é não, pois uma autoridade privada visa o seu bem e o de sua organização em primeiro lugar, com os seus comandados na medida em que permaneçam como seus comandados. Já a autoridade pública é compelida a velar por um conjunto de princípios que extrapolam sua situação no tempo e no espaço, isto é, são maiores que ela, muito embora várias técnicas de gestão próprias da área privada possam ser usadas na pública e vice-versa.

Observe que, se uma autoridade pública procura seus próprios interesses privados, não há comando social e não há estabilização social, além

de flagrante ilícito, no momento em que trai quem o colocou lá, a coletividade, e de tão óbvio, não nos alongaremos nesse ponto.

Veja que o ser humano não deixa de o ser quando revestido de autoridade, muito embora alguns se achem seres de outra categoria por conta disso. Justamente pela sua humanidade, não deve assim a pessoa revestida de autoridade ter uma qualidade de vida inferior apenas porque pretendeu ser uma autoridade, ou seja, ser privado de um bom salário; e, se de um lado não pode ele se valer da posição para seu proveito, é bem verdade também que lhe deve ser assegurada uma condição digna de vida, até mesmo para que ele gerencie com correição os interesses públicos (de todos no geral) e ao mesmo tempo possa ser cobrado se lhe faltar tal correição.

Interessante notar que esse tema já foi abordado na antiguidade, na imortal obra conhecida como A Arte da Guerra.

Lá o Imortal General chama a atenção para o fato de que os oficiais intermediários apresentam justas aspirações e necessidades, e essas devem ser sanadas, sob pena de se ter um exército que não assegurará a existência do estado. Daí o Grande General conclamar a necessidade de uma justa repartição dos despojos de guerra e uma eficiente e meritória divisão de trabalhos, privilégios e posições. Tais princípios podem muito bem ser aplicados em uma sociedade comercial, para manter uma boa estrutura interna, assim como numa organização de estado.

O que se pretende aqui tratar não é a necessidade de que a autoridade pública seja imbuída dos mais altos adjetivos morais, mas sim que tenha consciência da necessidade de externar, objetivamente, um bom cuidar dos assuntos de todos. Se a autoridade pública encarar sua função como um sacerdócio (não no sentido religioso, mas no sentido da devoção exclusiva a sua atividade) e ter consciência de que a aplicação dos princípios aqui tratados permite um modo de gerenciar muito eficiente, estaremos diante de uma autoridade que com certeza será lembrada e muito respeitada, e mais

interessante, ainda que não almeje, sempre mantida em sua posição.

Por qual razão a dedicação exclusiva a sua atividade? Demonstrar a legitimidade para a função que exerce, afinal, se for concomitante ao fato de ser autoridade, empreendedora de outras atividades, perderá o brilho de sua gestão, pois alguns de seus atos poderão ser interpretados como que direcionados aos seus interesses privados. Isso vale também para o líder no setor privado. Atividades concomitantes podem gerar sincera contestação.

Tal idéia já é observada no regramento de algumas carreiras de estado, principalmente as ligadas à aplicação da justiça, no sentido da vedação na participação de empresas, limitação de atividades de magistério, e outras limitações de acumulação de cargos púbicos.

Outro ponto ligado ao sacerdócio da atividade é o interessante princípio que se encerra na máxima a "verdade vos libertará". Por conta dessa máxima, podemos tratar da transparência das informações.

Não é preciso muito esforço para intuir que há situações em que não há ilícito algum em determinada ação, mas por desconhecimento e falta de informação daqueles que a percebem, ou tomam algum conhecimento, a reputam como errada. Também não é preciso muito esforço para intuir que, de uma suposição podem surgir inúmeros desconfortos, principalmente se tal suposição é propagada a um número indeterminado de pessoas.

O antídoto que se vislumbra é a transparência dos atos realizados. Veja que há um reflexo interessante disso na atual constituição federal brasileira, constituição que incorporou em vários aspectos muitos princípios cristãos, muitos deles não ostensivos, mas presentes. Nesse ponto, cuidou a constituição federal brasileira de determinar que em toda decisão de autoridade, se faça presente de modo claro a motivação do ato.

Uma autoridade não pode estar vinculada a interesses menores ou diferentes dos interesses sociais. Não deve estar vinculada a interesses privados, apenas. Mas isso significa que a autoridade deve se revestir de liderança moral ou de "bússola" para o que é certo ou errado? Não. O que uma autoridade democrática deve, em qualquer nível, é velar pelas regras decididas pela maioria, as leis. Se é contrária a lei determinada situação, deve ser combatida, ainda que recheada de boas intenções, sob pena de subversão do sistema e a curto, médio ou mesmo longo prazo, as consequências se tornarem piores do que as intenções.

Vamos a um singelo exemplo. Na vida ordinária, toda sociedade comercial necessita, de tempos em tempos, de uma certificação de regularidade fiscal, para realizar atos como empréstimos bancários, venda de imóveis ou ativos, ou fornecer bens e serviços ao estado. Imagine uma sociedade moribunda em termos financeiros, má gerida e com uma série de problemas internos, fadada a desaparecer.

Essa sociedade, almejando um bom contrato com o estado, que talvez lhe auxilie, pede para que uma determinada autoridade fiscal certifique, dentro de sua competência, a sua regularidade fiscal, sendo que ela não a possui. Alega que vidas estão em jogo, e pais de família perderão seus empregos. O que deve a autoridade fiscal fazer? Se revestir de um altruísmo cego e fornecer a certificação ou "gelar seu coração" e negar? Negar. O altruísmo que se pede no caso da certificação o é levando em conta apenas os empregados da sociedade moribunda, e não leva em conta o sem número de outras sociedades e pessoas, e até mesmo o estado, que serão ludibriados pela certificação irregular, que dará uma ideia de solidez irreal, e ao salvar, por um curto tempo, eventualmente dez, ou vinte ou duzentos empregados da empresa, se prejudica um número muito maior de pessoas que perderão recursos ao confiar numa certificação de regularidade imerecida.

Veja que nesse exemplo não se está a cogitar a má-fé de nenhum agente. Continuemos na idéia do empresário bem intencionado e na autoridade

fiscal bem intencionada. Ainda que todos estejam de boa fé, o ato contrário à lei muito mais prejudica do que ajuda. A longo prazo subverte o sistema a tal ponto de invalidar a fé pública, isto é, a própria força do documento de certificação, desnaturando sua razão de ser, prejudicando assim a própria sistemática do livre mercado, pois tal documento vale para um sem número de relações.

Apenas para um parêntese, se já é prejudicial um ato errado baseado na boa-fé, nem se diga se realizado com má-fé. Em ambos os casos, deve a autoridade pública ser punida pelo ato contrário a lei, e por punida se deve entender punição mesmo.

Mas como ficam os princípios cristãos informadores da política e do gerenciamento público, nesse exemplo? Ficam onde sempre estiveram, pois ao agir dentro da lei, se está a proteger quem merece, a punir quem merece e dar a cada um o que é seu. Não compete à autoridade fiscal o salvamento de empresas, tal cabe a outros agentes, privados, na qualidade de analistas de gestão ou de empresas especializadas em reorganização empresarial, ou públicos, como bancos públicos de empréstimos.

No que se refere a julgamento, a questão é ainda mais grave, pois as decisões judiciais valem, não apenas para o caso concreto, mas também como precedente para casos semelhantes a ocorrer no futuro. Nota-se assim que a atividade julgadora, por reverberar no tempo e no espaço, encerra grande um poder político.

Decisões devem ser tomadas, a todo o instante, o sistema não permite a ausência de comando, ausência de decisão. E no processo de decisão pode, às vezes, haver equívoco. Mas deve sempre ser norteada pela visão macro do interesse público, no velar da "regra do jogo", isso é a fonte da legitimidade do administrador e do julgador. Resumindo, ele pode errar, mas que erre tendo por base sua fidelidade e dedicação à sociedade. Ainda que acerte numa determinada decisão, se a mesma se deu por fidelidade, não à sociedade em geral, mas a alguns entes privados, e mesmo que certa em seus fins, essa decisão não é legítima, e a autoridade

deve também ser punida.

Ao longo da história, alguns líderes ganharam a alcunha de grande. Alexandre o grande, Catarina a grande, Pedro o grande. Obtiveram tal alcunha ao se mostrarem brilhantes no gerenciamento de recursos humanos, gerenciamento de capitais e, fator comum em todos, melhora continua em suas equipes diretas e demais liderados.

Alexandre o Grande unificou um império e cultura, Catarina a Grande desenvolveu o iluminismo Russo, Pedro I da Rússia se preocupou seriamente no desenvolvimento tecnológico de seu povo e império.

Em verdade, há líderes natos, mas a grande maioria não o é, mas pode vir a ser algo próximo a isso, desde que encare suas responsabilidades. Um líder que só pensa em si próprio está fadado ao insucesso, e nem chega a merecer a alcunha de líder, e a estrutura que comanda, fadada ao fracasso. Será traído, confrontado, e culpará a sorte quando deveria culpar a si.

Por fim, amado leitor, pergunte a si próprio qual o objetivo da sua autoridade. O que pretende dela? Poder, posição social, mulheres, vingança? Ou há algum idealismo?

NECESSIDADE DO CONFRONTO

Necessidade de confrontar o mal. Punir é algo ruim, mas também absolutamente necessário. Aplicar princípios cristãos na gestão não significa que se deva ser complacente e tolerar a indolência e a maldade. Nem tampouco a liderança, para se

afirmar, deva ser cruel ou muito dura no tratar. Afinal, deve-se dar a cada um o que é seu, e é esse o papel que todos esperam do líder.

Tanto numa sociedade politicamente organizada como num micro universo, como uma sociedade comercial, se faz muito importante a prevenção e a punição de condutas que afetam o bem comum. Claro que ao longo dos séculos o "bem comum" foi a grande desculpa para a implementação de vários sistemas que, em verdade, pouco tinham de bons à maioria, mas o fato é que esse "bem comum" deve sim ser implementado e ser efetivo.

Hoje, em nossa sociedade, podemos vislumbrar um certo desequilíbrio entre o "bem comum" e o "bem específico", tudo porque apesar de bem intencionadas, as políticas sociais não são engendradas por pessoas vocacionadas, e muitas vezes despreparadas.

Por "bem específico", podemos entender a política direcionada a um pequeno grupo.

Em verdade, a punição deve ser sempre acompanhada de uma boa justificativa, e que esta justificativa seja conhecida e divulgada. Primeiro porque, sob a ótica do punido, se mantém seu direito de ciência e o direito de recorrer, assim como se privilegia o devido processo legal, assim como impede punições desproporcionais, injustas ou pessoais; mas, e isso é muito importante, para a ótica do resto da sociedade justifica todas as boas condutas dos demais, e os privilegia. O cidadão médio que age de acordo com as regras vê na punição do desordeiro um "prêmio" para sua própria conduta, assim como vê para si um "castigo" no momento que a autoridade é complacente com quem é mal intencionado e foge costumeiramente das regras. Nota-se que deve haver alguma dureza, caso contrário a maioria, que age dentro das regras do jogo, desautorizarão a autoridade de pulso fraco, e nem pense que o mau, que fora uma vez preservado, será grato ou mudará sua conduta.

Deve a punição ser verdadeira. Um arremedo de punição, sem efetividade alguma, é um

recado aos demais que delinquir é permitido, e quem segue as regras, a vítima recorrente, está só. Para o honesto, não há proteção. Essa é a receita do caos, e o modo mais fácil do líder ser logo deposto e esquecido, ou de um empresário perder seus bons colaboradores. Um empresário que nunca demite alguém ou é tolo ou é um irreal sujeito de sorte extraordinária, uma vez que sempre se cercou de boas pessoas. Tal não existe. Um líder cedo ou tarde deverá "cortar a cabeça" de alguém, e quando esse dia chegar, não demore, não vacile, corte e demonstre segurança no que fez.

Observe o querido leitor que ser bom necessariamente força a ser também justo, comando exercido com bondade, mas sem justiça, não é comando, pois comando é controle, e a justiça é sim, e sempre foi, um mecanismo de controle social. Outro aspecto na necessidade do confronto é a violência latente nas relações humanas. No passado o líder se afirmava em batalha. Hoje não é muito diferente. Hoje não há muito da violência física, mas ainda há bastante violência psicológica nos enfrentamentos, como, por exemplo, negociações difíceis, audiências, reuniões de trabalho. Para se afirmar na liderança deve se estar preparado para a violência psicológica, deve-se saber quando desagradar alguém, e como desagradar, ou em até que ponto desagradar.

Resta, aqui, ressaltar que, principalmente no início da gestão, tanto o público externo como o público interno (subordinados) poderão pretender testar seus limites. Se tal ocorrer, o confronto é inevitável, e será imperioso que seja demonstrada firmeza e serenidade.

AME O PROXIMO COMO A SI MESMO, E DEUS ACIMA DE TUDO

Vamos pincelar aspectos gerenciais desta frase. Sim é possível, assim como é possível filtrá-la de qualquer aspecto religioso.

O líder deve amar o próximo como a si mesmo, pois ele pode, ou seus sucessores, ser um dia como esse próximo, pode perder o que tem e deixar de ser o que sempre foi.

Como se preservar das adversidades? Como se preservar dos riscos?

Observe o leitor a história. Como são tratados os líderes, suas memórias e seus sucessores? Foram esses líderes amados? Foram odiados? Ou nada foram, respeitados apenas e tão somente pelo cargo que ocuparam, naquele momento?

A verdade é que, para ser forte, ou demonstrar força, não se requer dureza no tratar, mas sim benevolência, e além disso, ao se amalgamar em torno de si uma legião de homens fieis, verdadeiramente poderoso o líder se tornará. A dureza deve ser reservada para o confronto, para a punição, não para os colaboradores.

O ser humano necessita de liderança, nos é natural seguir um líder. Como dito acima, nunca na história da humanidade se verificou a ausência de comando.

Na necessidade, os olhos humanos buscam um caminho, buscam alguém que seja forte e possa indicar o que fazer, e esse indicar deve ser sereno, forte, e demonstrar que não está abalado pela crise, quanto mais sereno e firme estiver no meio de uma crise mais credibilidade vai transmitir.

Assim, uma regra imutável jamais deve

ser esquecida: um líder não poder se dar ao luxo de hesitar. Pior do que uma decisão errada é a ausência de qualquer decisão. A frase "estar decidido, acima de qualquer coisa, é o segredo do êxito", atribuída a Henry Ford, bem sintetiza o que pretendemos afirmar.

Perdoa-se uma liderança que tenha errado, o que não se perdoa é uma liderança insegura, mas seguir prontamente e até mesmo morrer pelo líder, somente com o genuíno sentimento de gratidão, fora o fato do líder demonstrar segurança. Não se trata da pasteurização ideológica que ditadores usam para condicionar os pensamentos, mas sim da genuína gratidão, advinda da preocupação da liderança com os mais simples e com seu pessoal de apoio.

Há uma conhecida frase: "o mundo dá voltas". Inegável verdade. Dela podemos perceber a verdade imutável da finitude de tudo que é humano.

Interessante perceber como algumas pessoas idosas caem em desgraça, e ainda que tenham recursos, possuem uma vida solitária e infeliz, ao passo que outros idosos são sempre festejados por seus descendentes, empregados que possui, empresa que liderou, cidade ou estado que comandou. Em pequena escala (família) ou larga escala, é lembrada com carinho, com honra, sua morte é lamentada. A sorte comanda tal situação? Não. O que comanda tal situação é a conduta do sujeito, o modo que liderou, ajudou, auxiliou, orientou, ensinou, deu de si próprio. O segredo é dar de si.

Amar o próximo, como líder, é respeitar as limitações das pessoas, ter ciência de suas necessidades e liderá-las da melhor forma, e como melhor forma, entendemos a sua manutenção digna e possibilidade de crescimento, no que ele terá na sua liderança sua total fidelidade. Respeitando-se, por óbvio, o que foi dito acima, no sentido da liderança se cercar de pessoas bem intencionadas. Amar ao próximo pode significar também incentivar o seu crescimento, e assim usar suas qualidades.

Observe o leitor que só um líder

verdadeiramente forte pode se dar ao luxo de ser benevolente. Ser benevolente é, no fundo, demonstrar força. Acaba-se sendo mais temido um sujeito benevolente do que um excessivamente duro, veja-se que não se requer o temor dos seus empregados, o que se requer é o temor dos seus adversários, homens iguais ou superiores, que entenderão o recado subentendido na sua benevolência com os subalternos.

Por amar a Deus sobre todas as coisas significa que a liderança não deve cair na tentação de achar que pode tudo, que nada nem ninguém irá contestar sua posição, que tudo o que faz está correto, porque sempre foi correto. Lembre-se que o sucesso passado não é garantia de sucesso futuro. Via de regra, cair nessa tentação é o começo do declínio. Esteja, em suma, sempre preparado a se reafirmar, e seja benevolente, pois benevolência demonstra inquebrantável segurança psicológica. Perceba o amigo leitor que, mesmo sendo ateu, e até mesmo por conta disso, devemos nos preparar para o pior.

Há dois tipos de organização social. Uma lembra uma pirâmide, onde o número de pessoas no controle é cada vez menor conforme se ascende na hierarquia, outra lembra uma teia de aranha, com o controle no centro. Uma é mais afeita a organizações governamentais ou privadas de conformação antiga, a outra é mais afeita a organizações privadas modernas, que requerem mais ciência e capacidade de resposta da liderança, que fica no centro e é alimentada (de informações) por todos os setores e níveis de hierarquia, de modo diferente da primeira. Na primeira, uma informação que se origina na base sofre tantos filtros até chegar no topo que pode se desnaturar.

A primeira protege mais o líder, mas por outro lado o torna parcialmente cego. A segunda exige muito do líder, mas em compensação ele tem uma visão global clara da sociedade.

Para se evitar "eminências ocultas", erros que são escondidos e procedimentos não eficientes, sugerimos ao amado leitor que sua organização procure ser como a "teia de aranha",

ainda que lhe dê mais trabalho. Lembre-se de favorecer o acesso dos níveis mais baixos da organização, não coloque secretárias, paredes, gabinetes que podem significar barreiras psicológicas para que um servidor mais simples possa lhe trazer uma informação que pode ser importante. Estimule tal prática, principalmente divulgando a crença de que todos são peças fundamentais na organização. Com essa crença, obtém-se fidelidade, motivação e mais trabalho de todos.

LIDER CARIDOSO

Caridade e liderança? São conceitos compatíveis? Sim, da mesma forma que benevolência e liderança.

Mesmo que se despreze profundamente um determinado tipo de pessoa, ninguém em lugar algum despreza o seu dinheiro. Tanto assim o é que sempre existiram os despojos de guerra. Daí se percebe o seguinte: mesmo odiando determinadas pessoas, o interessante não é as eliminar ou as pôr para correr, e sim, fazê-las trabalhar para você, e mais, de bom grado. Essa deveria ser a suprema vitória do homem mau.

Não se está a defender aqui uma caridade burra, tolerância com a leniência ou falta de caráter, muito menos que é certo ter ódio por determinadas pessoas. Deve-se ser duro com a leniência e a falta de caráter, e é grave ignorância dividir as pessoas por tipos. O que se está a defender aqui é uma máxima cristã bem conhecida: é dando que se recebe. Observe o leitor que nessa máxima não se fala em proporções, nem em perdas, em suma, é uma frase cristã e ao mesmo tempo uma frase bem capitalista, ressaltando ao leitor que a lógica política inserta dentro do cristianismo é muito maior que uma mera definição de controle de

riquezas, tais como capitalismo ou socialismo.

Um líder com o adjetivo “caridoso” agregado ao seu nome é um líder fadado a eternidade. O líder conhecido pela sua perversidade também. A diferença é que um aproveitou a vida muito mais que o outro, basta estudar a história e perceber que os lideres cruéis tiveram fim prematuro. Veja que muitos líderes caridosos e amados aproveitaram uma longa vida com belas mulheres, bons vinhos e, melhor de tudo, sempre sossegados.

Na máfia moderna há uma característica muito respeitada, que é determinado sujeito assumir o ônus de um delito sozinho, ou pagar por uma dívida que não é sua para salvaguardar outro, e por conta disso, nada pede em troca. O faz pela “irmandade”. Se tal conduta é muito prezada na máfia, é porque está inserta nela o conceito de fraternidade, pura e simplesmente. Se dá certo ser fraterno como mafioso, o que se dirá então da fraternidade entre homens de bem? O grande segredo para algumas autoridades é “todos lhe deverem um favor, por menor que seja”, e lembre-se, não seja devedor de favores, seja credor. Não suba de posição por conta de favor, se assim o for, sua subida é no fundo irreal.

PREPARE PARA O PIOR

Eis uma frase de profunda sabedoria, em inúmeros aspectos: orai e vigiai.

Prepare-se para o pior. Não seja pessimista, mas tenha consciência de que a situação pode piorar. Há um ditado oriental equivalente, no sentido de orar, mas se lembrar de amarrar o camelo, para ele não fugir a noite.

No que ser bom interfere nessa preocupação, não seria melhor ser egoísta e assim poupar mais recursos e se precaver do pior?

Por outro lado, não encerra uma contradição, pois no momento em que se ora, se assim acreditarmos, Deus não nos devia proteger e assim viveríamos despreocupados?

Nada disso.

A assertiva orai e vigiai encerra outra gama de pensamentos, que não autorizam as ilações acima. A grande resposta é que a vida é dinâmica, ou seja, os fatos estão sempre se alterando.

Ser bom, aplicar princípios cristãos em sua vida, como já explanado, garante apoio nas horas difíceis. Prova disso é a conhecida expressão inglesa, muito aplicada no meio corporativo, o *networking*, que basicamente significa: tenha bons amigos, porque um dia poderá precisar deles. *Networking* é a união dos termos em inglês *net*, que significa "rede"; e *working*, que significa "trabalhando". O termo, em sua forma resumida, significa que quanto maior for a rede de contatos de uma pessoa, maior será a possibilidade dessa pessoa conseguir uma boa colocação profissional. A pergunta é: o que é melhor? Ser amado ou odiado? Basta ser amado apenas pelos seus iguais? Imagine um potencial emprego ser perdido por conta de um igual a você ter presenciado sua ira, em algum momento, em face de um pequeno deslize de um simples funcionário.

Assim concluímos que ser egoísta não soluciona o problema em longo prazo.

Por outro lado, não podemos confiar plenamente que tudo dará certo sempre, e que seremos sempre bem sucedidos. A dinâmica da vida sempre encerra surpresas por mais preparados que sejamos.

Maquiavel, na sua imortal obra, conclamava para a necessidade do príncipe estar próximo das preocupações militares, participar dos exercícios, e exemplificava o bom preparo para as vicissitudes. Na sua época, a guerra era a grande surpresa que podia surgir. Hoje, os tempos são outros, mas as surpresas continuam, seja no campo econômico, político, de produção de bens, ou recursos humanos, ou mesmo de aventureiros em busca

de dinheiro.

Devemos plantar, assim, para o futuro, confiar na dinâmica da vida, sem esquecer porém de meditar sobre os possíveis problemas que podem surgir. E a melhor forma de meditar nos possíveis problemas que se pode enfrentar é se colocar no lugar do seu adversário.

Deve-se pensar assim: se eu fosse outra pessoa, como eu me destruiria? Como eu atacaria? Que plano eu criaria? Contrataria uma bela garota de programa para armar um flagrante? Um advogado para plantar uma falsa, porém bem elaborada denúncia? Como seria essa denúncia? Sabotaria um equipamento? Roubaria um projeto para vender para um concorrente?

Após meditar em como seria o possível ataque, pense na defesa preventiva.

Os bons perdem para os maus porque não se colocam no lugar deles, não pensam como eles, e pensar como o mau e agir como o mau não o torna necessariamente mau, disso depende o fim desejado, se bom ou mau. Em verdade, jogar baixo com quem joga baixo não é jogar baixo, pois as posições dos jogadores se relativizam.

Em verdade, não se pode subestimar a capacidade do mal, nem as consequências dos danos sofridos, e não é porque Deus não nos protege, muitas vezes nos protege com idéias e certezas daquilo que podemos e não podemos fazer, e em quem confiar. A vida é dinâmica e uma proteção estática e que não leve em consideração nossa liberdade não se coaduna com as leis naturais.

Por fim estimado leitor, não permita nunca que no seu local de trabalho, onde exerce sua autoridade, exista a figura da eminência oculta.

Há dois tipos de eminências ocultas.

Uma delas é o sujeito que não detém formalmente a chefia ou comando, mas ostenta prestígio como se tivesse. Logra influenciar

condutas dentro da estrutura social e na prática, é o sujeito procurado por todos para se solucionar problemas. A vantagem que o eminente oculto busca é o prestígio, sem o ônus da possível decisão errada. Se tudo der certo, o bom é ele, se der errado, o errado é o tolo do chefe acima dele. Prezado amigo, o eminente oculto nunca é bem intencionado, pois se fosse, lhe seria fiel, e não fiel a si próprio. Teste-o oferecendo maiores responsabilidades e ouvirá desculpas singelas do tipo não estar preparado, não pretender o comando. Em verdade, não interessa muito exercer postos maiores, pois ele trabalha mais à sombra dos outros, e não é interessante ter responsabilidades para ser cobrado, nunca. A outra é o sujeito que detém cargos intermediários e tem assim certa responsabilidade dos seus atos, mas que logra influenciar a autoridade superior em elementos de sua alçada, e assim age como a primeira. O diferencial dessa figura é que ela se amarra ao cargo que tem de tal forma que não divide o conhecimento que possui, não treina ninguém, não aceita ajuda, e "põe para correr" quem lhe é igual, para se tornar de certa forma indispensável. É tão daninha como a primeira com um tempero a mais: concentra em torno de si atividades que só ela faz, pondo em risco a estrutura também por conta da falta de substitutos aptos a assumir sua função, caso necessário.

Amado leitor, detecte os dois e livre-se deles o quanto antes. Não confunda o princípio do altruísmo, que deve ser levado a cabo para políticas gerais, com leniência e tolerância com tipos mal intencionados.

Por fim, lembre-se de cuidar muito bem do seu arquivo.

A alma de qualquer organização, pública ou privada é o seu arquivo, lá está, ou deve estar, todo o histórico de sua atuação. Muitas e muitas fraudes tem como objeto o arquivo de dados, documentos ou processos.

CRIANÇAS

Todo bom ditador sabe a importância de se educar, catequizar jovens e crianças, para manter seu poder. Prova disso foi a existência da juventude hitlerista, na Alemanha da Segunda Guerra Mundial.

Infelizmente, numa democracia, tal por vezes é esquecido pela imediaticidade do governo. O humano em tenra idade é uma espécie de esponja mental, absorve tudo que recebe. É a perfeita massa de modelagem social.

Um bom líder que fomenta a educação infantil com a mais cristalina certeza deve ser lembrado e deve receber a alcunha de grande.

Numa escala menor, em uma empresa, acaso o empresário participe da formação de seus imediatos, e tenha se certificado de se cercar de pessoas de boa índole, não terá mais empregados, e sim filhos. Sua equipe lhe será fiel numa proporção nunca vista.

Um exemplo de aplicação prática: imagine-se como diretor de uma empresa, e para uma vaga de secretária, tem-se a disposição três currículos. Um, impecável, com uma pessoa de qualificações acima da média. Outro mediano, mas com boas qualificações também, e um terceiro, que só tem o mínimo vital para função. Quem contratar? A tendência é se ficar com o mais gabaritado. Mas ousamos discordar.

Se contratar o mais gabaritado, a pessoa contratada ficará grata pelo emprego a você ou às suas próprias qualidades? Muito provavelmente, será grata às suas próprias qualidades, e vai achar natural sua contratação, não terá um vinculo muito forte contigo. No momento em que você contrata o menos qualificado, e permite que o mesmo saiba da existência dos mais qualificados, a pessoa vai perguntar: por qual razão?

Nesse momento, você diz que gostou dela e quer lhe dar uma oportunidade. Sabe o que você ganha? Um fiel escudeiro. Uma pessoa que vai lhe agradecer a oportunidade, e será grata a você, e a mais ninguém e a mais nada, pelo emprego que lhe aplacará suas necessidades.

Observe o leitor que treinar a equipe é fácil, basta lhe pagar alguns cursos, o difícil é ter uma equipe que seja fiel, agradecida e proativa. Há empresários que afirmam possuir determinado empregado como se fosse filho, mais considerado que um próprio filho de sangue. Aí está a razão.

Importante meditar no aspecto da aprendizagem. Há excelentes estudiosos que informam que, antes de se adquirir um conhecimento, por mais técnico que o conhecimento seja, e por mais óbvio que o mesmo possa ser, para quem aprende há sempre um processo emocional envolvido. O processo de cognição sempre é precedido de um processo emocional, afinal somos animais. Assim, ao treinar alguém, ao se tentar educar alguém, cuidado com o estado emocional do aluno, pois até mesmo uma coisa simples deixa de ser aprendida se há pressão, coação, pressa ou excessivo temor reverencial.

Aliás, os subordinados não devem ter um excessivo temor reverencial do seu líder, pois assim os erros são ocultados e não são resolvidos.

Errar é humano, e há também condutas que, apesar de certas, num primeiro momento parecem erradas. Se o subalterno tem muito temor do chefe, ele prefere esconder o erro ou a ação, ao invés de levar ao conhecimento superior. E liderar uma estrutura onde os erros e as ações complicadas são sonegadas, é liderar uma estrutura esburacada, que pode ruir a qualquer momento. Se, ao contrário, o subalterno não tem receio de levar a conhecimento superior um erro ou ação mais complicada, há a possibilidade de se acertar os rumos antes de um dano. A estrutura assim é mais forte, mais eficiente.

Observe o leitor que o excesso de

temor reverencial pode fazer surgir um estado de adulação que pode comprometer os bons funcionários. Um bom funcionário pode achar que deve adular o chefe, e esse chefe, sendo novo, pode perder um bom funcionário ao achar a adulação fora do comum. Medite se a adulação do funcionário decorre de um excessivo temor reverencial dele, e mostre que tal não é necessária, e sim o bom desenrolar dos trabalhos.

PERFEIÇÃO NA CONDUTA

De fato o crime não compensa. Como errar é humano, uma hora ou outra incide-se em erro, e se é mal intencionado, se pretende ferir um semelhante para obter lucro, ou qualquer outra vantagem, em um erro qualquer as consequências serão grandes, e o julgamento rigoroso, seja pela justiça, seja por qualquer um que conheça o que ocorreu. A pergunta é: vale a pena? Vale a pena se cercar de inimigos e de falsos aliados torpes como você? Um erro e está tudo acabado. O lucro obtido dentro das regras de boa conduta ocorre sem a preocupação do erro (que sempre ocorre). Ainda que menor em rapidez de obtenção, o lucro obtido dentro das regras é de maior durabilidade, principalmente em longo prazo. Resumindo, praticar o mal, que em verdade é agir fora das regras de conduta, significa não agir com inteligência. Dentro da norma de conduta, eventual erro pode ser relevado, e o ganho, ainda que menor em curto prazo, é duradouro.

É um erro acreditar que o desenvolvimento vem de um estado permanente de guerra. Muitos líderes do passado erraram ao assim entender. O desenvolvimento vem da meditação, vem do estudo, e para se ter estudo aprofundado em alguma coisa deve-se ter tempo em paz. Observe o leitor que, de fato, muito se avançou em termos de tecnologia por conta de incontáveis guerras, mas o desenvolvimento de novas tecnologias não ocorreu

dentro do período de guerra, e sim no período entre guerras. Quanto maior o período entre guerras, maior avanço. Veja o leitor que entre a primeira guerra mundial e a segunda, pouco se avançou em termos de tecnologia, a despeito de alguns defenderem que ambos se tratam, em verdade, de um único conflito, o próprio avião a jato foi de fato desenvolvido após esses eventos, muito embora a idéia original tenha se originado na guerra. Uma coisa é se ter novas idéias, mas outra bem diferente é ter tempo e sossego suficiente para desenvolvê-las.

A humanidade só alcançará sua glória em desenvolvimento quando os conflitos saírem de um campo aberto para irem para uma mesa de negociações.

A assertiva "sedes perfeitos" também corrobora para a própria segurança da autoridade. Não pense, estimado leitor, que no cotidiano uma autoridade qualquer não sofre pressão de pessoas mais poderosas. Sim, autoridades administrativas, judiciárias ou políticas são continuamente pressionadas, com ameaças, chantagens, chantagens morais, pedidos insistentes dentre outros, muitas vezes de forma velada, dúbia, em palavras que comportam duplo sentido.

Observe o estimado leitor que uma autoridade exercida sem muito comprometimento, sem muito cuidado, por pessoas que se levam uma vida mais desregrada, acabam por se tornar mais suscetíveis a tais pressões. Uma autoridade que transpira perfeição na conduta, higidez moral e, principalmente, pauta sua atuação dentro da lei, muito menos suscetível está a tais pressões. Sugerimos, contudo, muito cuidado ao se falar no telefone, ao se expor em público sem necessidade, evitar festas e consumo de bebidas alcoólicas, pois muitas vezes se espera um deslize qualquer para desautorizá-la moralmente e assim, ela se tornar mais sensível às pressões. Para homens, um cuidado especial com belas e insinuantes mulheres que possam mostrar interesse. Faça o amigo leitor a seguinte pergunta: se eu não exercesse o cargo que ocupo essa linda mulher seria tão próxima a mim? Será que sou tão belo, ou inteligente, ou humano assim para despertar paixões desse calibre? Cuidado amigo

leitor, bons homens são destruídos sem nenhum escrúpulo quando interferem com poderosos, e tais poderosos só respeitam raposas velhas como eles.

Por fim, amado leitor, prepare-se. Principalmente a nova e correta autoridade. Será testado em todos os limites.

Muitos vão exigir uma postura, como se a autoridade fosse a responsável por suas desgraças ou sua salvação, muitos tentarão, com lágrimas, fazer agir sem ponderar as consequências, muitos tentarão amedrontar perante os fatos, alguns clamarão urgência. Enfim, terá que, literalmente, ter "sangue de barata". Recomenda-se aqui sempre manter um certo distanciamento do público externo e também do público interno, seus pares e subordinados, para que ninguém abuse de sua boa vontade. Seja solicito, converse com todos, mas não fique conversando futilidades todo o tempo.

Por vezes você desejará vingança, desejará uma resposta à altura de alguma provocação, mas saiba: é exatamente isso que pretendem os que te atacam, que você desça do seu pedestal e assim se exponha. Lembre-se que todos sempre ficam do lado da vítima, e numa reação apaixonada de sua parte, cria-se essa vítima e aí sua queda se torna possível.
Todos que julgam um fato ficam do lado da vítima, às vezes de forma inconsciente, e muitas vezes o papel de "mau" é associado ao líder. Cuidado para que seu oponente não se "vitimize", isto é, coloque os fatos como se ele fosse a vítima; para tanto, siga o devido processo das coisas.

Evite, amado leitor, reações apaixonadas, sua resposta há de ser pensada, refletida, dura sim, mas bem pensada, mormente quando se lidar com os poderosos de plantão, que via de regra não têm escrúpulos. Medite sobre as reais intenções de seus interlocutores, lembre-se que você, agora, não é mais um estudante e sim, uma autoridade, um líder com responsabilidades perante seus liderados perante àquele que lhe conferiu o poder e, principalmente, com sua própria história de vida.

Por fim lembre-se que se “exerce” a autoridade, não se “é” a autoridade.

Ouvimos uma vez de um aspirante das forças armadas, que estava sendo treinado em ações de combate, que havia um fenômeno chamado “cristalização”. Esse fenômeno ocorria quando no meio de uma missão de combate o piloto pensava na sua vida, no bem, no mal, na razão da guerra, em Deus, na sua família etc. Esses pensamentos desviam a atenção do piloto, tira sua mente do foco por instantes, que podem ser cruciais num combate, principalmente se ele perde a “visão periférica”, isto é, de outros pontos que podem ser importantes na batalha.

Podemos transportar esse fenômeno para a autoridade que começa uma grande investigação, ou um juiz que está a analisar um grande caso, ou um empresário que está a fazer um grande negócio. O fenômeno da cristalização pode surgir fazendo perder a visão periférica da situação, pode achar que se está numa missão divina de combate ao crime, ou que se é o líder moral da sociedade, ou o maior empresário do país, ou que se está a justificar injustiças que sofreu na infância, tornando assim a lide, emocional. Esses sentimentos são mais comuns do que parece e podem fazê-lo perder o foco, ignorar assuntos importantes ou não medir a justiça e conveniência de suas ações. Tal fenômeno ocorre com muita frequência em novas lideranças, justamente as mais frágeis, que ainda não tem sabedoria de vida suficiente. O antídoto é refrear os ânimos, atue, mas atue com a cabeça, não com o coração.

Todo confronto, jurídico, empresarial, ou negocial no fundo não passa de um confronto psicológico, imaginar os sentimentos de todos os envolvidos ajuda e muito na estratégia a ser seguida. Não pessoalize o combate, e atue de forma a não produzir ódio em seus inimigos. Não é impossível.

Como juiz é possível, sim, condenar-se um sujeito deixando claro que tal decorreu da sua própria conduta, elaborar juízos morais sobre o réu criará o ódio. Sim, é possível como procurador se requerer condenações pesadas, sem porém criar ódio,

se abstenha de juízos morais ou de conduta, discrimine os fatos, os fatos falam por si, deixe claro que se trata de seu dever de ofício, não pretenda humilhar o oponente ou mudá-lo, ou brilhar como o paladino moral da sociedade; faça seu trabalho e ponto final. Essa é uma das diferenças da autoridade que sofre ameaças da que não sofre.

PERDÃO OBJETIVO

Perdoar é o verbo impossível. Mas é o verbo libertador final. O peso da mágoa, do desejo de vingança, do ódio, pode tirar da rota nossas vidas, e nos impedir de realizar muitas coisas. Há quem viva tanto tempo com ódio ou mágoa que nem se recorda mais do que é viver sem esses sentimentos.

Todas as religiões antigas condenavam a vingança, e ao longo do tempo a vingança saiu das mãos privadas e foi para o Estado, com a criação do direito penal. O direito penal, em sua gênese, é o Estado chamar para si a vingança, a busca da satisfação do ofendido, assim como a punição do culpado. O ofendido não busca mais a reparação por si, por suas mãos, o Estado dentro de regras a busca. O que há de comum nesse condenar da raiva e o ódio, em todas as religiões, e esse processo de estatização da vingança pessoal? Há de fato algo em comum? Sim.

A raiva, o ódio, a mágoa, interferem no raciocínio, interferem na conduta produtiva do ser, e ele se torna menos útil, menos produtivo, para si e para os outros. Em sentido macro, um povo com ódio não se desenvolve, apenas busca a retaliação e nada mais.

Perdoar é não carregar os sentimentos e ser prisioneiro do que aconteceu, perdoar não é deixar de dar o que o agente da conduta merece. Justamente por confundir perdão com leniência,

conivência, permissividade, excessiva tolerância, é que o perdão é tão difícil de ser entendido e praticado. Perdoar não é esquecer, e deixar que se faça o que se fez, perdoar é perdoar, diferente de esquecer, diferente de concordar. Perdoar, para nós, é não carregar o peso. Pode-se perdoar, e no momento oportuno, e se dada a oportunidade, combater o ofensor. Muitas vezes, perde-se muito tempo na busca de uma oportunidade para se retaliar. Perde-se muito tempo e pior, não se prepara para ela. O perdão tira o peso da alma, e permite o mais importante de tudo: o preparo, o juntar de forças. A oportunidade, sempre virá.

Perdoa-se o escorpião que pica, porque sabemos que, sendo da sua natureza picar, tal conduta ocorre se dada a oportunidade. Quando o encontrar de novo, tenha a arma certa e o mate. Quando nos atacam, não temos ódio de todos os escorpiões, nem ficamos pensando na picada que levamos o resto de nossas vidas, mas acabamos por comprar veneno e fechando nossas janelas, e se encontrar um, o matamos. Assim os escorpiões, assim algumas pessoas.

Observe o leitor que estamos a comparar, somente. E observe também o leitor que continuamente, mesmo sem a intenção primária, prejudicamos também nosso semelhante, e realizamos condutas que, se fossemos nós os destinatários, ficaríamos muito ofendidos. Assim, perdoar também é compreender a natureza humana, sabendo que também erramos.

MANSIDÃO DE CORAÇÃO

Sun Tzu na sua imortal obra, já alertava para o problema do general ser irascível. Diz o mestre militar chinês que há cinco qualidades negativas em um comandante, são elas: ousadia, covardia, exaltação, impulsividade, e misericórdia.

Note o amado leitor que tais características, em nossa tentativa de explicar o grande mestre chinês, só são de fato negativas se preponderantes no caráter do líder.

Ousadia. Há de se ser ousado na vida, mas não puramente ousado. Muita ousadia revela falta de planejamento.

Covardia. Não se pode ser covarde, mas há situações onde é necessária a preocupação com a própria vida, há momentos em que se deve, de fato, se preocupar com a segurança, como por exemplo, evitar a superexposição de sua pessoa; ao se despachar um processo, julgar apenas o fato, não o caráter moral do agente, isto é, o quanto possível "impessoalizar" a decisão. Ao demitir alguém, não dar sermões ou tentar conversar muito, explicando por demasia a decisão, tal pode ser muito mal interpretado.

Misericórdia. Há de se ter misericórdia na vida, mas lembramos o que já dissemos antes, cuidado com a confusão dos conceitos de altruísmo e leniência, de agir com misericórdia e alimentar cobra que em breve causará danos, confundir perdão com tolerância a má-fé. Em um cargo de comando o exercício da misericórdia é de difícil execução, porém, de efeitos que reverberam no tempo, na construção da própria imagem do líder, e no sentimento de lealdade que todos lhe depositam. Deve-se meditar antes de agir.

Exaltação e impulsividade. Há de se ser exaltado ou impulsivo em algum momento? Esses dois predicados são muito perigosos, pois na

essência de cada um deles um elemento está ausente, que é o raciocínio. Note o amado leitor que facilmente se confunde exaltação e impulsividade com ousadia.

Há situações em que se deve agir em uma fração de segundos, sob pena de grande dano, mas esse "agir em fração de segundos" deve se dar por uma rápida análise do líder, que assim agindo prova seu talento, e não se dar por puro sentimento. Usar só o sentimento induz a erro, e o mestre chinês assim classificava como sendo a ruína do exército, pois assim agindo não se pondera as dificuldades.

Note o amado leitor que apenas pincelamos breve discussão voltada para as questões de comando e gerenciamento, mas a plenitude da máxima que titula este singelo capítulo é muito mais abrangente, e, de certa forma, conclama para a supremacia da mente sobre o coração. Ser manso de coração é refrear suas emoções, e assim pensar melhor. Interessante notar que todas as religiões, sem exceção, trazem em suas premissas comandos no sentido do refrear das emoções, pois em última analise, refrear as emoções significa maior grau de civilização, distancia-se do animal e aproxima-se do humano, os conflitos deixam de ser violentos e passam a se dar dentro de regras de negociação, fomenta-se (imagine o leitor o mundo antigo) com a pacificação social, o comércio e as artes, que não sobrevivem em estado de guerra.

Na vida prática, atual, percebe-se que um sujeito que não se deixa levar por suas emoções é muito mais bem sucedido, mesmo que seja um mau sujeito. Por detrás da máxima cristã se encontra não só uma regra de conduta extremamente pertinente como também indicativo de controle social.

Indicativo de controle social porque cabe também à liderança refrear os ânimos de seus comandados, em situações onde a impulsividade pode ganhar contornos muito negativos, afinal, um subordinado que age por conta própria e sem pensar apenas atrapalha a situação de todos.

Como dito acima, a liderança não deve

cair na tentação de achar que pode tudo, que nada nem ninguém ira contestar sua posição, que tudo o que faz está correto porque sempre foi correto. Lembre-se que o sucesso passado não é garantia de sucesso futuro. Tais idéias se amoldam muito bem ao conceito de humildade.

Muito se discute acerca da humildade, a confundindo com frouxidão, complacência, inércia, falta de ambição e por aí vai. Em verdade, o conceito de humildade é diferente de tudo isso. E, verdade seja dita, todo homem sábio é humilde.

Como isso pode ter aplicação prática para um líder, ou autoridade? Demonstrar humildade faz com que seus opositores errem ao avaliar sua força, e não há nada melhor do que um inimigo te subestimar, ele irá para o confronto sem preparo algum e será facilmente abatido. Ao passo que, se seu opositor não for humilde, ao contrário, for soberbo, fica muito fácil de controlá-lo, prever suas reações, irritá-lo e o fazer ruir.

Tivemos a chance de verificar na prática tais situações, com o chefe citado como exemplo algumas páginas antes: era comum alguns devedores ajuizarem ações contra as determinações da autoridade, e muitos antes tentavam um contato pessoal, e ao perceber a singeleza da repartição pública, a roupa simples da autoridade, julgavam-na fraca e despreparada, e demandavam ações sem muito cuidado, julgando ser fácil o confronto, alguns tinham ainda o requinte da ironia, pondo em dúvida já de modo inicial a capacidade da autoridade. Na resposta escrita, porém, a autoridade demonstrava todo o seu potencial, o que era desagradável surpresa para o opositor e vitória certa no poder judiciário.

Via de regra, apresentar sempre um currículo muito longo faz os tolos se admirarem, mas faz ao sábio descobrir que está a lidar com alguém vaidoso.

Falamos nesse trabalho que não se deve pessoalizar o confronto, mas em alguns casos, com um opositor muito vaidoso, uma leve ironia o faz cair

de seu pedestal, fazendo o perder o foco e a batalha, escrevendo ou afirmando coisas que lhe comprometerão.

A FORTALEZA

No inicio do trabalho, informamos que combater poderosos é difícil, mas não impossível. Veja o amado leitor que a nova autoridade será desafiada, e será desafiada logo no inicio de sua carreira. Muito cuidado com os primeiros meses de exercício. Os primeiros meses no exercício de uma nova autoridade são cruciais, são nos primeiros meses que tudo e todos o testarão. Muitos autores gerenciais assim falam, e com razão. Vamos aqui explicar o processo mental que a nova autoridade deve ter para tais embates. Tal é útil também para a autoridade que deseja se recompor e mudar seu estilo de administração.

Vamos nos focar nos mais perigosos, os tipos poderosos.

Primeiro, devemos dividir os tipos poderosos em dois: os que jamais abrirão mão de sua imagem de "pilares da sociedade" e os que poderão abrir mão dessa imagem. Por "pilar da sociedade" entende-se aquele sujeito que pautou sua vida e praticamente criou sua condição social com a aparência de bom e de saudável elemento da sociedade. Uma mancha em sua história de vida lhe seria muito custosa. Podemos o identificar como o "dono" da cidade, o cavalheiro "número um" da região, o sujeito que faz caridade, frequenta a igreja, tem família estruturada, excelentes amizades, mas de vez em quando, infringe a lei sem a maioria perceber, sonega impostos, usa adolescentes de outras comarcas para fins pouco honrados, realiza manobras comerciais ilícitas etc.

Os primeiros quase nunca, ou nunca mesmo, vão, mesmo que tomados de ódio, lhe mandar

assassinar, ou outra atitude retaliativa, os outros assim poderão fazer.

Vamos aqui traçar os modos de como os combater, lembrando que ambos são muito difíceis de se lidar.

Os primeiros têm um ponto fraco, o fio de "idoneidade moral" que os sustenta acima dos pobres mortais. Fazer esse fio balançar os lançará em desespero. Bom exemplo disso é a terrível e negativa repercussão de escândalos onde se envolvem membros do poder judiciário, pois neles esse fio fica muito evidente, a justificar todas as suas prerrogativas e direitos por eles mal usados. O ponto forte desses primeiros é a absurda penetração que têm na vida pública, de modo que sabem, com muita precisão, os seus passos e os passos dos possíveis opositores. Para os confundir, deve-se ser um pouco mais cuidadoso no agir, e tratar dos vazamentos de informação.

Os segundos têm como ponto fraco justamente essa menor penetração na vida pública, de modo que sabem pouco ou mesmo nada sabem como seus opositores agem. Como ponto forte eles têm a ausência de escrúpulos, pois como não tem imagem a velar, não se importam se um dia forem associados a uma morte ou ameaça de uma autoridade.

Na segunda guerra mundial, a aviação de guerra alemã, a terrível *luftwaffe*, desenvolvia técnicas de abate aéreo. Dentre elas uma bem óbvia se fazia presente, nunca atacar de frente um oponente melhor armado, ou que pudesse lhe causar grande dano inicial. Os ases alemães eram excepcionais em se colocar atrás dos inimigos, ou ludibriá-los com manobras que expusessem seus pontos fracos. Assim deve a nova autoridade agir, e a mais efetiva manobra é a abordagem impessoal, nas entrelinhas, deixar claro que a ação foi favorecida ou iniciada por uma ação, ou deslize, do próprio alvo, isso não pessoaliza o ataque.

Duas medidas devem ser tomadas: jamais pessoalizar o combate e jamais se colocar como "bom

menino” na situação, dando lições de moral. Não há nada que um mafioso odeie mais do que receber lições de moral. Vença, não pretenda “humilhar” ou “mudar” o opositor.

Sun Tzu na sua imortal obra explica que ao se cercar um exército inimigo, se deve deixar uma pequena saída para ele, pois, se o cercar totalmente, e a sua única opção em face da morte for lutar, ele lutará com toda a fúria. Se a morte lhe for inevitável, tenha por certo que a fúria redobrará, e suas perdas, como atacante também. Sun Tzu, na sua sabedoria, ao assim explicar a necessidade de se deixar pequena (e às vezes inútil) saída para o inimigo, fomentará dissidências entre seus oficiais, fugas e perda de força, e, observe o amigo leitor com atenção: o resultado será rigorosamente o mesmo, a vitória final.

PARABOLA DO SERVO INFIEL
PARABOLA DOS TALENTOS

Prezado leitor, vamos mais uma vez, pincelar de dentro de máximas antigas, normas políticas de conduta, filtrando-as de qualquer aspecto religioso.

Nessas duas parábolas cristãs, há um sofisticado raciocínio que envolve a administração de bens e riquezas, obviamente voltado a questões morais e filosóficas, mas que tangencia o presente trabalho. Esse sofisticado raciocínio contido nas parábolas autoriza a se pensar que de fato Jesus foi muito, muito sábio, e se ele, como dizem alguns, não existiu, alguém em algum ponto da história foi sábio o suficiente para, além de criar as parábolas, criar a própria figura do Cristo, e isso no panorama do mundo antigo, antes de surgirem os conceitos e estudos de economia, investimentos e circulação de

moeda.

Há quem defenda que os mitos religiosos, em particular os cristãos, não correspondem à realidade, que não há nada de divino e que tudo é uma grande falácia. Nietzsche apregoava, no seu livro O Anticristo, que a filosofia cristã era doente, se baseava num sistema onde a perda e a derrota amoldava toda uma forma de pensar. Defendia que o cristianismo afrontava o futuro para o qual estava predestinado o homem.

Mas isso desnatura o cristianismo, isso justifica achar que o cristianismo é baseado numa mentira, ou em pressupostos falsos? Claro que não. A sabedoria antiga muitas vezes se fazia presente em histórias fantásticas e parábolas, era assim que os sábios de outrora colocavam numa cápsula do tempo suas idéias. Para nós, Nietzsche errou porque não percebeu a magnitude temporal do cristianismo, o avaliou apenas sob a perspectiva de seu próprio tempo, confundiu cristianismo com igreja.

Em ambas as parábolas, que são uma pequena amostra do que há, revela-se a sabedoria por detrás das máximas cristãs.

No caso do presente estudo, principalmente para quem gerencia pessoas e riquezas, salta-se aos olhos a sofisticação do raciocínio empregado, principalmente na parábola dos talentos. Na primeira, há o princípio do que se entende hoje por *networking*, no momento que há uma "renegociação" das dívidas e os efeitos conforme segue: "*Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos*". Basta procurar na Bíblia que tal assertiva será encontrada, salvo engano, em Lucas, 16-9. Na segunda, temos a questão da circulação de capital.

Quando muito, as idéias atuais de inexistência de verdade na história cristã destroem um mito, mas automaticamente constroem outros, pois se o Cristo como se conhece não existiu, é porque outro (ou grupo de pessoas) tão bom quanto existiu, com um "plus" de humildade de sequer aparecer nos

anais da história, e deixou uma mensagem muito sábia para o futuro, praticamente organizando e definindo o mundo todo. Veja o amado leitor que negar a existência de cristo é defender que uma outra pessoa (ou grupo de pessoas), mais humilde e mais sábia, existiu, criando a doutrina e assim, a doutrina cristã acaba sendo ainda mais brilhante.

EPILOGO

Em nosso humilde trabalho, abordamos Maquiavel, Sun Tzu, Schopenhauer, algumas outras conhecidas figuras da história, e especialmente de outro, cuja presença histórica logrou mudar politicamente o mundo, a forma de interação social, a forma de como o ser humano encara sua própria natureza e aos demais, e a própria forma de se encarar a finita vida. Ignorá-lo no estudo da política é ignorar praticamente toda a história moderna e contemporânea, e muitos dos seus fundamentos. Tal homem começou sua vida da forma mais humilde possível, um simples bebê com pais pobres e fugitivos da justiça, e logrou influenciar o mundo, alterando a própria contagem mundial do tempo.

Muito se discute e se discutiu, ao longo dos séculos, acerca da vida desse que estudamos ao lado dos já citados, e de sua natureza, se humana ou sobre-humana. Recentemente, se discute sobre sua eventual descendência, ou mesmo se de fato existiu. Há quem defenda que ele não existiu, e que foi uma invenção, um amálgama de crenças que até então existiam na região do mediterrâneo e oriente. Outros pretendem desmistificá-lo.

Se existiu e foi humano, ou se não existiu, ou mesmo se tem natureza sobre-humana, não importa para o presente estudo, assim como não importa aqui qualquer ilação de “reforma intima” ou

“religião” ou do “bem” e do “mal”. O que importa é a principiologia por detrás de seus atos e do que foi documentado, que no nosso entender, encerra uma linha política muito sofisticada, tão sofisticada que podemos lucrar muito com seu aprendizado.

Sofisticada porque no momento em que abrange todos os aspectos da vida humana, e se pensarmos na política como uma extensão da vida humana, o que de fato ela é mesmo, perceberemos que encerra um contexto onde se é possível um “bem estar” contínuo e a manutenção no poder do líder que sabe trabalhar com tais idéias, veja o leitor que “trabalhar com tais idéias” é diferente de “aceitar tais idéias”, se as aceitar tanto melhor.

Há de fato uma ciência social? Será que por ciência nós não podemos apenas falar em matemática ou química, cujos resultados são eternos? Afinal, em “ciência” humana os resultados são muito variáveis. Não sejamos arrogantes ou soberbos, todo nosso conhecimento pode sumir em um acidente grave, se tal ocorrer, podemos ficar bobos e usando fraldas para o resto de nossas vidas, dependendo de uma simples enfermeira.

Nesse trabalho, pretendemos deixar um pouco mais clara a principiologia política por detrás da sua doutrina, discutir alguns pontos onde se percebe que um sistema político e social muito inteligente pode decorrer de seus princípios. Em palavras mais claras, pretende-se mostrar que, mesmo preservando a natureza humana, natureza essa que é falha e basicamente busca a satisfação de desejos, não só é possível a aplicação de uma política geral mais justa e equânime como também reverter tal aplicação em verdadeiro ganho para a classe dominante, a que organiza a sociedade, seja dominante política, seja dominante econômica, seja dominante jurídica.

Aquele que governa ou dirige uma sociedade e que de uma forma ou de outra aplica de fato essas idéias (não apenas em um discurso vazio), ainda que em seu intimo não as aceite muito, lucra e se fortalece.

Na verdade, até o mais ferrenho opositor de qualquer idéia, e que a queira destruir, deve conhecer bem seu alvo.

Para destruir algo, é necessário conhecê-lo, pois sem conhecê-lo bem não há como proceder com sua aniquilação. Ao se conhecer a doutrina cristã, a fundo, mesmo que no intuito de aniquilá-la, percebe-se sua genialidade, sua inquebrantável lógica, em como ela se encontra acima dos estados e, mais importante, acima das religiões, e de toda sorte, muito acima de qualquer um. Em verdade, o opositor do Cristo é o ignorante, o que simplesmente não o conhece. Veja a importância política de Cristo, que logrou afetar a própria contagem do tempo, transformou um instrumento de tortura em objeto de adoração.

A implantação no mundo da mensagem do Cordeiro de Deus é inexorável, não porque é divina, mas porque é brilhante. A imagem do homem pleno que estende a mão ao necessitado é a imagem mais humana jamais pensada.

A natureza do homem não muda. Para provar a assertiva usaremos dois exemplos bem distantes entre si: o amor de mãe e a necessidade de prova testemunhal em processos judiciais. Duas coisas absolutamente dissociadas uma da outra, mas que bem exemplificam que, por mais que a tecnologia mude, por mais que a ciência e as artes evoluam, o homem em essência não muda. Desde a antiguidade o amor de mãe é reconhecido como o amor absoluto, vide a passagem do Rei Salomão e a disputa entre duas mulheres, que se diziam mães de um recém nascido. Vide também a questão, desde a antiguidade, de ser condenável o falso testemunho, e até os dias de hoje muitas vezes ser ele, o testemunho de um homem contra outro, a condição de condenação ou absolvição. Dois exemplos simples e dissociados entre si, mas que bem atestam que somos o que somos e nada mais.

Assim, considerando nossa natureza, tem-se que o sistema político que melhor se amolda é o sistema que implicitamente existe dentro das palavras de Jesus. Não há outro tão brilhante, não

há outro que permita a vivência em paz, no mesmo momento em que se permite a evolução, até mesmo financeira, daquele que medita em suas palavras. Parece até que fora moldado especificamente para as relações humanas comuns, e nem tanto para relações religiosas. Observe o querido leitor que nesse singelo trabalho tentamos mostrar que muitos princípios úteis à gestão decorrem desse passado, e ao se bem aplicar essas idéias, sem as confundir com outros sentimentos, e cuidando para não as aplicar de forma errada, a gestão fluirá sem problemas. Não as aplicar equivalerá a uma gestão doente, assim como em permanente estado de receio para o líder, que temerá tanto o público externo como o interno.

Assim, deve o líder meditar sobre tais princípios, sob pena de comprometer sua liderança e sua história. Não se cometa o erro de ignorar suas assertivas, é muito comum um grande homem se sentir acima de (assim classifica ele) banalidades como religião e moral, o problema é se sentir superior a todo um processo histórico de conhecimento, e ao assim fazer, revela ele toda sua mediocridade e incapacidade para estar na posição que ocupa.

...

O autor é Procurador da Fazenda Nacional, exerce suas atividades na cidade de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, Brasil.

Índice